

PERNAMBUCO

“INSISTO

LOGO

EXISTO”

**CLARICE
LISPECTOR**

KARINA FREITAS

COM FRASES APÓCRIFAS COMO ESTA ACIMA, CLARICE LISPECTOR SE TORNOU A MESTRA DAS GRANDES RESPOSTAS, ATÉ POR QUEM NUNCA LEU SUA OBRA

**“LIBERDADE É POUCO.
O QUE DESEJO NÃO
TEM NOME.” (ANÔNIMO)**

**“BORBOLETA É PÉTALA
QUE VOA” (ANÔNIMO)**

**“O SILÊNCIO É A PROFUNDA
NOITE SECRETA DO MUNDO.”**

... ANÔNIMO ...

GALERIA



CLARA SIMAS

“A foto integra uma coleção ainda em construção que chamei de *Cidade reticente*, onde busco elementos que, para mim, trazem qualquer coisa de invisível e genuíno. Geralmente são grafismos sujos suspensos em contextos carregados de silêncio que à primeira vista e, também à última, parecem deslocados. Não esperei que estivessem ali, mas surgiram em meio à deriva e me proporcionam uma sensação de cidade vivida.”

www.cargocollective.com/clarasimas
<http://www.fluidr.com/photos/clara>

CARTA DO EDITOR

A ideia da matéria de capa surgiu durante um debate do Festival A Letra e a Voz. Na sua mesa, Joca Reiners Terron fez um comentário curioso: “Clarice Lispector é a Elis Regina da literatura: todo mundo quer imitar”. Sua fala nos lembrou de imediato as inúmeras frases de efeito da escritora e as inúmeras Clarices apócrifas que circulam pela internet. E por que não propor uma reportagem sobre a “piração” que cerca este que é um dos maiores cânones da literatura brasileira? Foi o que propomos para a jornalista Isabelle Barros, que por um mês entrou na viagem dos seguidores clariceanos.

Para dar mais fôlego à reportagem, Isabelle passou dias visitando a romaria de leitores e turistas que costumam cercar a Praça Maciel Pinheiro. O que rendeu uma cena, ao menos, engraçada: “A Clarice de cimento está sentada, com a máquina de escrever no colo. Tem como vizinhança os trapos da lendária Juraci, moradora de rua conhecida como a Rainha do Real. Dizem os taxistas da região que, de vez em quando, ônibus escolares e turísticos fazem uma rápida parada para tirar fotos da escultura antes de seguirem viagem (...) No meio do burburinho, uma família de classe

média fazia imagens de todos os ângulos da praça. Quem empunhava a câmera era uma mulher de aproximadamente 40 anos, que fazia parte de um clube de fotografia chamado Amantes da Zona Norte. Pergunto se ela estaria ali também para ver a antiga casa da escritora. Ela, a princípio nega, mas se apressa a dizer que adora a obra de Clarice. “Ela é muito do nosso dia-a-dia, não é?”.

A frase desta admiradora de Clarice diz muito sobre a forma como a sua obra é hoje tratada. A dona de uma das obras mais herméticas e introspectivas da literatura do século 20 é hoje vista quase como uma autora de auto-ajuda. Pela internet, todo tipo de frase é atribuída à Clarice. É o caso do “Insisto logo existo”, que a designer Karina Freitas usou para ilustrar a capa.

Outros destaques do **Pernambuco** deste mês são o trecho do segundo romance de José Luiz Passos, que ele nos adiantou com exclusividade; a conversa de Raimundo Carrero com Rubens Figueiredo, favorito dos prêmios literários desse ano; e a crônica em que Anco Márcio Tenório Vieira lembra da passagem de Manuel Puig pelo Recife.

Boa leitura e até novembro.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil

Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO - CEPE

Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Karina Freitas,
Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva

Cepe
EDITORA

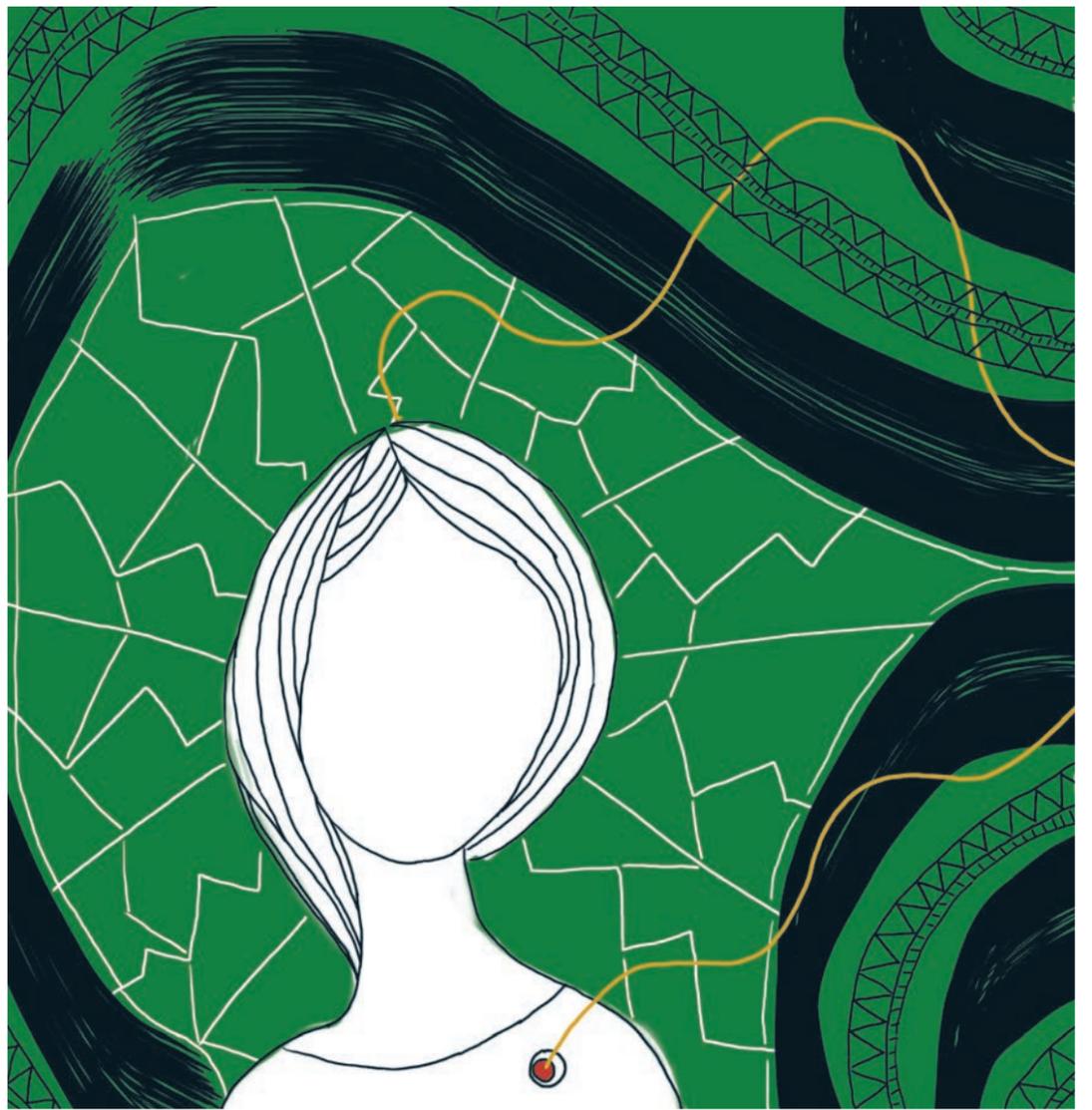
PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco - CEPE
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

Atenção: uma autora possuída por si própria!

Em sua estreia na ficção, premiada jornalista gaúcha descreve o difícil processo de começar a escutar as vozes das personagens tomando conta da sua imaginação



Eliane Brum

Minhas primeiras memórias são de um eu olhando o mundo. E sentindo a aridez do mundo. A falta de sentido que naquele tempo eu não sabia nomear, mas que percebia como escuridão. Minhas primeiras memórias são sempre escuras, em uma casa escura pelo luto para sempre insuperável de uma filha que veio antes de mim e se foi sem ser. E por ir-se sem ser, acabou sendo mais do que qualquer outro dos filhos sobreviventes. Foi só quando a palavra escrita se revelou a mim, por volta dos sete anos de idade, que a vida passou a ter alguma carne que eu pudesse reconhecer, porque a literatura me deu mundos para onde escapar e me emprestou corpos que eu podia habitar. Meu romance, *Uma duas*, começou ali. Mas eu não podia saber.

Muito, muito mais tarde, em 2008, já com 20 anos de reportagem, eu acompanhei como jornalista uma mulher nos últimos 115 dias da sua vida. Começou com aquela desconhecida corroída por um câncer dia após dia, uma desconhecida que tive de amar para perder meu profundo confronto com a morte. E com a vida. Eu seguiria escrevendo sobre o morrer até o início de 2010. Naquele momento, algo se fechou em mim. Um círculo dentro de um círculo. Mas um círculo aberto, porque na vida não há círculos fechados. Pelas frestas escapava uma voz que gritava sem saber quem era, e só então eu percebi que algumas realidades só a ficção suporta.

Eu precisava de uma voz na ficção. E comecei a escrever meu primeiro romance. Que por alguns meses se escreveu primeiro dentro de mim, como já acontecia na reportagem. Não sei quem disse que é preciso pescar a palavra no lago do nosso inconsciente. Para mim não foi assim. Eu apalpei a superfície do lago, rodei-o várias vezes e, antes que me decidisse a mergulhar, fui puxada para o fundo escuro, lá onde vivem os peixes cegos. Fui puxada por um monstro mitológico que me foi devorando sem matar. Descobri que podia viver aos pedaços, que escrever ficção era ser aos pedaços. Era saber-se faltante, já que a palavra é para sempre inalcançável.

Neste período, me tornei um zumbi no mundo real. Um zumbi que comia a mim mesma. Não estava aqui. Estava lá. Sem saber exatamente onde estava esse lá, mas sem poder ou querer sair dele. Comecei a escrever e Laura, a filha, tomou conta de mim. Às

vezes eu a odiava, em outras pensava que ela escrevia mal. Mas toda manhã lá estava eu, sentada diante da minha escrivantina-xerife, com Laura nas minhas costas, as longas pernas enroladas no meu pescoço, me cavalgando como um demônio humano.

E um dia acordei com Maria Lúcia, a mãe, falando dentro da minha cabeça, com sua voz de unha no quadro negro. O que você está escrevendo está errado, eu quero dar a minha versão da história. Como odiei essa mãe que tentava me dar ordens no que de mais meu eu acreditava que tinha, a escrita. E como ela me aterrorizou ao me fazer acreditar que havia me tornado esquizofrênica. Noite após noite sua laidinha arranhava meu cérebro. E eu me abismava que o homem dormindo ao meu lado não acordasse com aquela voz.

Até que não pude mais aguentar. E me entreguei. É assim que a mãe invadiu minha ficção, com a mesma força repentina com que ocupou meu cérebro vinda das profundezas de mim, mas inscrita em outra fonte. E então essas duas, mãe e filha, se digladiaram pelas palavras em páginas minhas, cada uma com um corpo diferenciado de letra, que afinal era toda a diferença que conseguiam ter. A filha tentava arrancar-se das entranhas da mãe, mas ao final conseguia apenas tirar pedaços de mim com seus caninos brancos.

Não sei bem quando comecei a amar essas duas, mas aconteceu. Um dia meus dedos estancaram e percebi que o amor estava lá. Misturado a todo o resto, como é para todos, mesmo que alguns teimem em achar que não. E quando os primeiros leitores começaram a brigar com elas, a opinar sobre elas, a reclamar de uma ou de outra, defendi-as com fúria.

Você me pediu para contar como foi o processo de composição do meu romance, e eu não saberia contar de uma forma mais objetiva. Para mim, foi exatamente assim que se passou. Como uma possessão de mim por mim. E não há nada, acredite, mais aterrorizante do que ser possuída por si mesma.

CARTUNS

BRUNO DRUMMOND

[HTTP://WWW.BRUNODRUMMOND.COM](http://www.brunodrummond.com)



O LIVRO

Uma duas
 Editora LeYa
 Páginas 176
 Preço R\$ 34,90



ENSAIO

As suspeitas que cercam o “maravilhoso”

Obra de Ondjaki aproxima o realismo mágico da “realidade” dos angolanos

Reginaldo Pujol Filho

Já faz um tempo, participei como mediador de um encontro do Ondjaki com estudantes, durante a *Feira do Livro de Canoas*. Conversar com ele sobre alguns aspectos de *AvóDezanove e o segredo do soviético*, ouvir o cara contar da existência real da personagem título, assim como da misteriosa AvóCatarina (e de como ela foi misteriosa pro Ondjaki na infância) e de tantos aspectos biográficos que ele não tem medo de assumir em relação a esse seu livro – ou a outros – me fez lembrar do prefácio de *O reino deste mundo*, de Alejo Carpentier. “Mas o que é a história da América senão toda uma crônica da Realidade Maravilhosa?”, pergunta Carpentier ao final do prefácio. E eu pergunto, no início deste texto, o que é a história da infância do Ondjaki senão toda uma crônica da Realidade Maravilhosa?

É mais, muito mais coisas.

Mas também é uma crônica dessa realidade maravilhosa, ou fantástica, que vive na memória do Ondjaki. Imagine um cenário assim: uma ex-colônia portuguesa, recém independente, transformada em país comunista com apoio da URSS. Também uma terra onde convivem a população formada de muitas tribos com russos e cubanos. Ainda um país onde crenças tribais angolanas se misturam a ideologias comunistas. Um lugar onde dialetos locais se embolam com português (de Portugal e das novelas brasileiras), russo dos soldados e espanhol (ou cubano) dos professores, médicos e militares que davam suporte ao regime frente às tentativas de invasão sul-africanas. Consegue imaginar? Pois esse é um pedaço real da história de Angola e do Ondjaki, e me parece que só narrar com objetividade essas histórias – se é que isso é possível – já daria um livro de realismo maravilhoso, não?

Talvez alguém aqui responda “sim, mas e daí? Não é assim com Mía Couto e a realidade moçambicana, o Pepetela e a sua Angola?” E talvez alguém ainda arrisque um aprofundamento maior no assunto, me questionando se, no final das contas, a África de hoje não representa pro realismo maravilhoso o que representou, na época do boom, a América Latina. Duas regiões ainda por explorar, repletas de mitologias e heroísmos, seja das suas religiões, seja das suas guerras de independência ou conflitos históricos. Pode ser, pode ser e acredito que isso seja verdade. E daria pra gente seguir essa conversa por esse lado. Mas, calma lá, não vamos perder o assunto.

Assim como eu fiz, pare pra pensar nessa realidade maravilhosa na qual viveu Ondjaki e imagine no que poderia dar se esse cotidiano fantástico fosse observado não pelos seus, mas pelos olhos de um criança? Um menino que vê a sua PraiaDoBispo e a casa da sua avó ameaçadas pela construção de um mausoléu em forma de foguete espacial pro corpo do Camarada Presidente Agostinho dos Santos e mais não vou contar?

Aí a gente dá um passo adiante com o Ondjaki, que faz mais do que deixar que “o maravilhoso emane livremente de uma realidade estritamente seguida em todos os seus detalhes”, como diz Carpentier no seu prefácio. Ondjaki pega essa realidade difícil de acreditar pra quem não viveu e traduz pra gente com o olhar de um menino, com toda a ingenuidade, simplificação, poesia e criatividade que uma criança pode ter ao contar uma história. Ao simples narrar o maravilhoso, adiciona a escolha de um narrador bastante específico.

O resultado é um clima de dupla suspeição ao longo da leitura. Ondjaki somou ao maravilhoso da realidade angolana o maravilhoso de um narrador mirim com vocações poéticas. Há muito o que se suspeitar do que conta esse “alterguinho” do autor. Houve mesmo explosões na PraiaDoBispo? O médico cubano dançou tango com sua avó? Saía água da bomba de gasolina? Se espalham pelo livro pequenos e grandes segredos que se somam ao prometido segredo do soviético do título – que talvez nem seja mesmo o mais importante da obra. Até porque esse soviético Botardóv (um dos tantos nomes divertidos dos personagens de Ondjaki), me parece, não tem só um mistério.

Mas segredo mesmo é a mistura toda que o Ondjaki faz de um período da história de Angola com a imaginação infantil. Isso dá ritmo e leveza pra leitura a tal ponto de se esquecer, por vezes, ou quem sabe no livro todo, que se está em con-

FLÁVIO PESSOA



tato com uma época muito dura pra um país e sua população. O pano de fundo apresentando na obra, esse período pós-colonial de Angola, nas mãos de escritores mais raivosos, panfletários ou com tendências a dramalhão poderia ter resultados muito diversos, pesados, obscuros e não sei se tão eficientes. A pequena aventura dos meninos protagonistas em defesa das casas da PraiaDoBispo, e as descobertas que fazem, acontecem num país em guerra, onde a garotada acostumou-se a comparar sons fortes ao barulho de caças MIG, em que sal grosso, dada a escassez, é produto valioso e pode não haver pão na padaria de manhã. É tempo de racionamentos, falta d'água e energia, um dia a dia constituído em muito pelo que não há. Um cotidiano que faz um menino pensar que “Até parece mal uma pessoa falar assim, mas afinal ter uma Avó com risco de perder um dedo do pé faz aparecerem comidas em Luanda que uma pessoa tinha saudades de encontrar e até às vezes sonhava com ela”. E tudo por causa de jogos políticos frutos de guerras frias e civis que se misturavam e se confundiam.

Só que as brutalidades e incoerências da vida – como acontece em outras obras de Ondjaki – não grita, não recebe acusações, não é lamentada. Vai aparecendo quase sem importância, mas o leitor, se estiver atento, soma uma informação ali, outra aqui e, em alguns momentos, não tem como o sorriso provocado pelo menino 3,14 (o Pinduca, apelidado de Pi e, por consequência, 3,14), não dá espaço pro espanto ou pra reflexão sobre crescer nessas condições. Sobre ser criança nesse cenário. Ser criança nesse cenário.

Sabe que acabo pensando em mais uma função pra voz e o olhar infantil nesse cenário e até em outros? Esse recurso que, é óbvio, Ondjaki não inventou – mas soube usar muito bem – pode permitir um prefácio ao prefácio do Alejo Car-



A literatura também não é o que poderia ter sido? O que não foi, o que surgiu da cabeça e da observação?

pentier. Digamos assim, se a realidade da América Latina narrada pelo autor cubano, ou a realidade da Angola do escritor africano já são, por si só, material e personagens pra narrativas maravilhosas, pense no que acontece quando se escolhe como narrador, em vez de uma terceira pessoa neutra, ou uma primeira pessoa adulta, uma criança que está descobrindo o mundo. Um olhar e um pensamento que, se já tivesse ferramentas pra isso, diriam que não é a PraiaDoBispo ou o Haiti, mas o mundo todo, o dia a dia, a realidade por si só é maravilhosas. Poderia se argumentar com Alejo Carpentier que o olhar infantil, mesmo sobre o mais corriqueiro engarrafamento, também é uma crônica da realidade maravilhosa, mesmo que, pra outros, essa realidade não conte tantas maravilhas.

Quero dizer assim: parece que essa soma de um cenário fantástico com um narrador bastante específico, com olhar maravilhado, cria um efeito

de duplicar, dobrar o potencial de maravilhoso do que é narrado. Aliás, em um eventual prefácio (ou quem sabe um posfácio) ao prefácio de Alejo Carpentier, dava pra dizer assim: Tá certo, narrar objetivamente a América Latina (ou África – e por que não Ásia?) é sim uma *crônica* dessas realidades maravilhosas. Mas e fazer isso com o narrador infantil do Ondjaki (ou, quem sabe, com os velhinhos já mais pra lá da senilidade do que pra cá da realidade, do *A varanda de Frangipani*, do Mia Couto)? Opa, aí vamos além da *crônica*, esse termo tão aproximado do jornalismo. Avançamos pra dentro da literatura. Como já falei, pode acontecer um dobramento, uma duplicação do maravilhoso e do fantástico do texto, porque essa equação cenário vezes narrador acrescenta invenção e também dúvida sobre o que é dito. Matemático demais?

É mais ou menos assim: história fantástica com um narrador neutro, eu diria: puxa, que louco isso. Com a escolha de narradores maravilhados, ou, por que não, criativos, eu digo: cacetada, que história louca essa, sei que acontecem coisas assim em Angola, mas, peraí, é uma criança contado isso, será que é bem assim? Será que foi tudo isso? Até fazemos um pacto com a realidade narrada, como se espera do simpático leitor, mas aí nos damos conta de que isso não é suficiente, porque passamos a desconfiar de quem conta essa história. É de fato um real maravilhoso. Duplo, com gelo.

Falando em duplo-com-gelo, Ondjaki já fez uso dessa fórmula pelo menos uma outra vez. Em *Quantas madrugadas tem a noite*, não é uma criança que narra outras histórias fantásticas passadas em Luanda. Dessa vez é um sujeito sentado na mesa do bar com o leitor, pedindo, a cada parágrafo contado, que o interlocutor pague mais algumas cervejas pra que as histórias continuem saindo da sua garganta. Aí, em vez do olhar descobridor e maravilhado da infância, temos uma memória

suspeita e parcial que se abre com as tampas das garrafas de cerveja, trazendo pro papel histórias incríveis que poderiam ter sido.

E, no final, literatura também não é um pouco isso? O que poderia ter sido? O que foi, o acontecido de fato é notícia; o que não foi, o que surgiu da cabeça e da observação do mundo, de fendas plantadas na realidade, mas mesmo assim dá essa sensação porrada de que poderia ter sido, é assunto da literatura, acho eu.

Talvez o Ondjaki, entre outras tantas coisas, ouvindo “a criança que narra algumas das minhas histórias” e “contou-me esse desejo explosivo”, como ele diz na carta à escritora Ana Paula Tavares ao final do *AvoDeazanove e o segredo do soviético*, talvez o Ondjaki tenha escutado as histórias e os conselhos do seu narrador mirim pra nos trazer mais do que um belo recado sobre a universalidade de ser criança. Sobre a beleza de um olhar desprovido dos preconceitos, pronto pra descobrir segredos de soviéticos, cubanos e angolanos. Mistérios de avós, pássaros, explosões. Da vida e da imaginação.

Ondjaki produz essa peça de reflexão e discussão entre limites e não limites da literatura e do fantástico. Se Borges uma vez disse alguma coisa como “Creio que não deveríamos falar de literatura fantástica. E uma das razões é que não sabemos a que gênero corresponde o universo: se ao gênero fantástico ou ao gênero real”, o que Ondjaki pode estar nos dizendo é que não devemos falar de um real maravilhoso. Porque tudo o que é real pode vir a ser maravilhoso. Depende da história, do narrador, do autor. Ou de uma criança olhando isso pra gente.

Reginaldo Pujol Filho faz Pos-Graduação em Artes da Escrita da Universidade Nova de Lisboa e é autor dos livros *Quero Ser Reginaldo Pujol Filho* e *Azar do Personagem, não?*

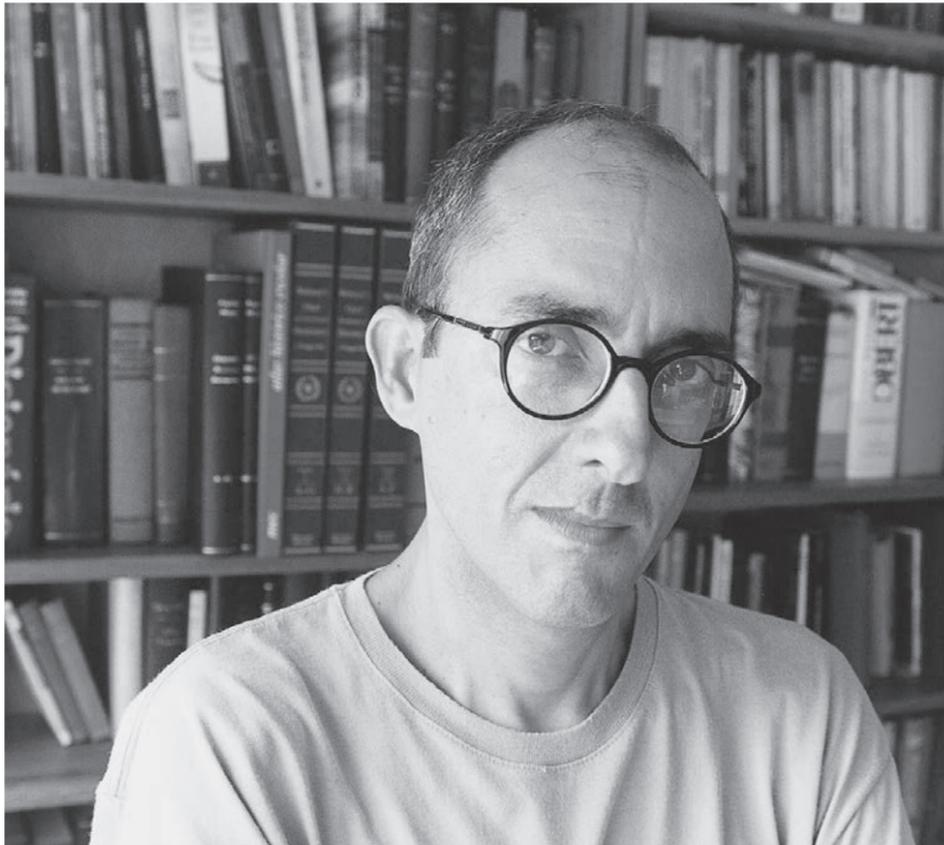
ENTREVISTA

Rubens Figueiredo

“Um romance pode contribuir para o conhecimento”

Vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura deste ano, escritor carioca comenta a função de uma obra literária na hora de investigar o mundo em que hoje vivemos

BEL PEDROSA/DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Raimundo Carrero**

O escritor carioca Rubens Figueiredo foi o ganhador da edição mais recente do Prêmio São Paulo de Literatura, pelo romance *O passageiro do fim do dia*. Atualmente, essa é a honraria mais alta do mercado editorial brasileiro (o vencedor recebe R\$ 200 mil). “Fiquei muito contente e muito agradecido. Acho também que se os organizadores selecionaram dez livros entre duzentos, isso é sinal de que se trata de dez livros de alto nível e que precisam ser olhados com mais atenção e mais seriedade do que nos habituamos a dar aos livros brasileiros”, comentou sobre o impacto da vitória. Responsável por uma das obras mais relevantes da literatura brasileira

contemporânea, Rubens fez de *O passageiro* uma porta de entrada para entendermos as frustrações e a resignação de milhões de brasileiros que veem suas rotinas de trabalho serem transformadas em verdadeiros campos de batalha, nesse misto de paraíso/inferno que são as grandes cidades.

“Houve com esse livro a necessidade de investigar uma situação em que se manifestasse e se concentrasse um grande número de circunstâncias ligadas à desigualdade. E também ligadas às formas da assimilação da desigualdade pela consciência, bem como aos meios de resistir a esse processo”, comentou o autor nesta entrevista para o **Pernambuco**, na qual ele fala ainda sobre seu trabalho como tradutor e a insistência em batizar personagens de Pedro.

O romance *O passageiro do fim do dia* nos faz pensar num dos grandes motes da literatura, que é a travessia como metáfora de mudança, de percepção de vida. A viagem como sendo “a viagem”. Como você chegou ao ambiente específico de um ônibus para contar sua história?

De um lado, havia a experiência pessoal de andar de ônibus na cidade. Sobretudo os 25 anos em que eu pegava dois ônibus para ir e para voltar do colégio onde lecionava à noite. De outro lado, a necessidade de investigar uma situação em que se manifestasse e se concentrasse um grande número de circunstâncias ligadas à desigualdade. E também ligadas às formas da assimilação da desigualdade pela consciência, bem como aos meios de resistir a esse processo. A travessia, no caso, não é uma metáfora. É a viagem concreta e diária, individual e coletiva, do trabalho (local da exploração) para casa. Não creio que essa experiência precise ter um cunho metafórico para ganhar abrangência e uma dimensão generalizada. A experiência concreta já basta, e de sobra, para isso.

Ao mesmo tempo em que o livro retrata uma questão social séria, você não faz uma denúncia aberta dos problemas do Brasil. O *passageiro do fim do dia* não é um romance “panfletário”, para usarmos uma expressão sempre cercada por clichês. As suas personagens parecem “soterradas” pela condição social em que vivem, ainda que desesperadas. Essa sua escolha de não cair no terreno panfletário, foi uma forma deliberada sua de se afastar de muitos romances urbanos contemporâneos, que retratam questões sociais?

Em nenhum momento pensei em me afastar ou me aproximar de romances contemporâneos ou antigos. Pensei no objeto de que eu queria tratar e explorar no romance. Um objeto que não estava nos romances nem nos poemas. Estava na vida concreta à minha volta. Eu não tinha intenção de fazer denúncia nem de não fazer. Tratava-se apenas de refletir sobre um problema, questionar as soluções ou os expedientes mentais que nosso

“ Não se trata de ser ou não um autor político. Trata-se de não se furtar a tratar os problemas com abrangência

dia a dia propõe para ele, usando para isso os recursos próprios a um romance. Recursos que suponho serem distintos dos de outras formas de expor os problemas. O pressuposto é que um romance pode contribuir para o conhecimento, acrescer conteúdos que talvez não sejam acessíveis a outras disciplinas.

Nesse livro, você retoma o uso de um personagem chamado Pedro, nome que já esteve presente em outras de suas obras, como o próprio *Contos de Pedro*. Quem é Pedro ou o que esse nome implica na sua literatura?

Talvez repetir o mesmo nome para personagens diferentes represente a intenção de apresentar conteúdos que sejam potencialmente generalizados, mas não necessariamente universais. Quero dizer, generalizados o suficiente para que nós possamos perceber que fazemos parte do problema. Mas que nem por isso o problema faz parte de nossa natureza.

Pedro vivencia a trama de *O passageiro do último dia* enquanto está lendo um livro de Charles Darwin (naturalista e escritor britânico, 1809/1882). O que lhe levou a pensar que Darwin traria alguma pista para entendermos o Brasil de hoje?

Eu procurava um caminho para conferir ao romance um alcance histórico mais abrangente. Um modo de permitir que os problemas apresentados fossem vistos de uma perspectiva histórica, como algo menos local, menos restrito ao momento. Sobretudo procurei sempre manter à

distância qualquer perspectiva atemporal e universalizante. O fato do meu personagem ler um livro de divulgação barato sobre o Darwin no ônibus, um livro que se detém um pouco mais em sua viagem por países no sul do planeta, me deu a oportunidade de incluir no romance a questão do colonialismo e da escravidão. Além disso, a despeito de sua possível pertinência científica, a própria teoria da evolução tem sido usada politicamente para justificar e legitimar as relações sociais capitalistas e as desigualdades sociais em geral. Não é à toa que há pouco tempo um professor americano chegou a dizer que os milionários americanos eram fruto de um processo de seleção natural. No livro, também tentei explorar a maneira como a naturalização das relações sociais vigentes, e da opressão cotidiana necessária para manter tais relações, comprometem, não raro, a ciência, assim como a arte e a literatura. A hipótese era que tudo isso e outras coisas se manifestavam nos fatos e nos gestos banais e repetidos cotidianamente, sem que os agentes e as vítimas tenham consciência disso. A percepção embotada para tais gestos e ações e a dificuldade para romper esse embotamento refletem os mecanismos que protegem e reproduzem a desigualdade. Eu queria que essa dificuldade, esse esforço, constituísse o conteúdo da tensão da narrativa do romance. Eu não queria contar uma história, um enredo, com conflito, crise, desenlace. Queria que as coisas triviais,

insignificantes, que nos parecem avulsas e alheias umas às outras, aos poucos nos revelassem a presença de um processo subjacente. Eu queria que a própria estrutura de meu livro situasse o leitor numa perspectiva em que esse questionamento fosse possível. Um enredo propriamente dito iria me afastar desse objetivo.

A pergunta seguinte pode soar redundante ou muito aberta, então responda-a como você achar melhor: Você se considera um autor político?

Não se trata de ser um autor político ou não. Trata-se de não se furtar a tratar os problemas com a máxima abrangência de que somos capazes. Trata-se de questionar com rigor aquilo que pensamos e dizemos, à luz da experiência das pessoas que nos rodeiam. Trata-se de supor que um romance deve ter algo a dizer sobre a sociedade em que vivemos.

Como surgiu seu interesse em aprender russo e de verter obras do russo para o português, já que é uma língua pouquíssimo difundida no Brasil? Ser um tradutor de russo é quase uma espécie de personagem literário por si só, do tipo “olha, ele é um tradutor de russo”, uma função que parece trazer uma história por trás.

Fui estudar russo na Faculdade de Letras da UFRJ aos 18 anos, onde me formei, quatro anos depois. Eu me inscrevi na

“ Tentei explorar como a naturalização das relações sociais e a opressão comprometem a literatura

disciplina português-russo por razões circunstanciais. 1- Achei que não seria aprovado na disciplina francês-português. 2- Li e tinha gostado muito de alguns livros russos. 3- Era o final do governo do general Médici, ditadura militar. Estudar russo tinha um lado de contestação e desafio que, em parte, também me atraiu. 4- Encontrei uma excelente professora (Maria Aparecida Botelho Soares) que me animou e me inspirou muito.

O trabalho de traduzir nomes como Liév Tolstói (é de Rubens Figueiredo a mais recente tradução de *Anna Kariênina*, que foi publicada pela Editora Cosac Naify), de certa forma, influencia na sua escrita, ou você já não percebe essa suposta “influência”?

Acho que a grande influência decorre da compreensão de que a literatura pode ter um tipo de relação com a sociedade diferente daquele que vemos hoje. À medida que eu lia e traduzia livros russos do século 19 e início do século 20, me dava conta de que sua força residia menos num suposto talento individual do que na vitalidade gerada pela forma como esses livros se inseriam em seu mundo. Percebi que a literatura russa se entregava às ricas polêmicas em curso em seu tempo e em seu país. As obras debatem umas com as outras tendo em vista as opções históricas abertas à sua sociedade. Os autores se empenham com afinco em manter aberta uma larga via de contato com a dinâmica

social, com tudo o que esta comporta de explosivo e incerto. Nesse processo, praticamente tudo é submetido a um questionamento incisivo, a voltas e reviravoltas de pensamento e de posição, cujo acúmulo enriquece e revigora continuamente as obras. As opções artísticas de cada autor se referem às opções históricas do país e dessa forma as obras ganham o peso e a força que continuam a chamar a atenção, porque os processos históricos e os padrões de relação social, então em acelerada transformação, podem, em medida nada desprezível, ser reconhecidos como os mesmos de hoje em dia.

Sua obra anterior, *O livro dos lobos*, foi uma quase completa reescrita de um livro que você havia lançado anos antes. Você gostaria de reescrever outros livros ou esse foi um caso isolado?

Gostaria, sim. Acho que é até necessário. No caso do *Livro dos lobos*, foi uma oportunidade que tive. Não sei se terei outra.

Nelson de Oliveira lançou há pouco uma antologia com os autores dos anos 00 (*Geração zero zero*, Editora Língua Geral). Você participou da antologia dos anos 1990, que ele realizou (*Geração 90 – Manuscritos de computador*). Quais os pontos positivos e negativos que você percebe nessa ideia de geração? Desculpe. Não sei responder. Parece um assunto mais pertinente à atividade de um editor ou de um divulgador.

MEMÓRIA

FLÁVIO PESSOA



Sobre o que fazer após a revolução

Samarone Lima

Martin Caparrós e Persio Arida têm a mesma semelhança física de um Maradona ao lado de um Pelé. O primeiro é argentino, 54 anos, tem um vasto bigode de artista plástico, com as pontas para cima, sobrancelhas espessas, que lhe dão um ar severo, é praticamente careca e veste-se com apuro. Um homem das artes, que sempre aparece nas fotos com poses de bom conversador e tem a voz grossa dos fumantes convictos. Há muitos anos é jornalista e romancista. Conseguiu escapar da matança em seu país em 1976, quando os militares tomaram o poder. Viveu em Madri e Paris até o retorno da democracia, em 1983.

O segundo é economista, 59 anos, descendente de libaneses, cabelos cada vez mais grisalhos e uma certa timidez no semblante. Está invariavelmente de terno e gravata, sem barba ou bigode e parece ser um homem de fala mansa. Foi preso aos 18 anos, em 1970, quando integrava a famosa organização Var-Palmares, do capitão Carlos Lamarca, e levado para a sede da temida Operação Bandeirantes (Oban), na rua Tutoia, em São Paulo. Sobreviveu por um lance de sorte. Antes de ser levado às torturas,

ficou sozinho em uma sala e conseguiu olhar seu próprio dossiê.

“Para meu espanto, tudo estava lá – nomes, codinomes, atribuições e estrutura organizacional. Aliás, eles sabiam mais do que eu mesmo”. Com essas informações preciosas, Persio (ou Renato) conseguiu falar do que já tinha no prontuário, fingindo que estava “abrindo” e escapou do pior. Muitos não saíram vivos da Oban.

Depois da liberdade, foi estudar nos Estados Unidos, acabou se tornando presidente do BNDES e do Banco Central no governo de Fernando Henrique Cardoso, e sua contribuição à literatura brasileira foi a publicação, em co-autoria, do livro *Inflação zero: Brasil, Argentina e Israel*, pela editora Paz e Terra.

Em abril deste ano, Caparrós e Arida deixaram de lado as diferenças físicas e se aproximaram, através da palavra. O primeiro publicou, pela Companhia das Letras, o romance *A quem de direito*, o que ele denominou de “uma revisão colérica” das opções de sua geração, uma visão intensa e sem filtros sobre a militância de esquerda na Argentina, durante a ditadura. O segundo contrariou a estranha lógica editorial, de que as pessoas “não conseguem mais ler textos longos em revistas e jornais”, e publicou, na revista *Piauí*, um memorável artigo de 28

páginas, intitulado *Rakudianai*, parte de seu livro de memórias, que deve ser lançado neste semestre, também pela Companhia das Letras.

Caparrós e Arida escrevem sobre tempos atormentados e fascinantes, quando atrasar um encontro com um companheiro poderia selar o destino, quicá a própria vida. Fazem balanços sinceros e mostram que uma nova geração de romances e testemunhos pode estar surgindo, após o retorno dos militares ao seu lugar de origem – os quartéis.

Os companheiros que lutaram armados, o uso da violência, Che Guevara e a ideia do Homem Novo, a noção arraigada do sacrifício revolucionário, a vida clandestina, tortura, engano, o “ponto”, vidas recolhidas em “aparelhos”, prisões, “quedas”, esquecimento, silêncio, vingança, o tempo. Alguns dos temas recorrentes nos relatos e testemunhos sobre as ditaduras que se espalharam pela América do Sul, entre os anos 1960 e 1980, aparecem em um formato bem menos heroico do que estamos acostumados a ver, com pitadas de humor e ironia. O que pensavam aqueles homens e mulheres, no início da vida adulta e já cercados de obrigações e ritos, o que pensam hoje, as lembranças das vidas e mortes. Desta vez, lembranças muito mais intensas dos vivos que uma homenagem aos mortos.

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

CAPRICHOS

Quadrinhos da Cia. lança celebrada graphic novel do autor norte-americano Daviz Mazzucchelli este mês

Uma das *graphic novels* mais celebradas dos últimos tempos, *Asterios Polyp* (foto), trabalho brilhante do norte-americano Daviz Mazzucchelli, é publicada este mês pela Companhia das Letras. A obra consumiu os neurônios dos editores do Quadrinhos da Cia. (selo de HQ da editora), pelo cuidado que a edição exige. Segundo o editor brasileiro, André Conti, a versão nacional exigiu mais

de um ano de trabalho. Mas o esforço foi recompensado, com um e-mail cheio de elogios de Mazzucchelli. “Foi um dos e-mails de aprovação mais bacanas que já recebi. Ele gostou do resultado, felizmente, mas fez umas tantas observações. O grau de atenção confirmou o que eu achava: *Asterios Polyp* é um trabalho sério, pensado em todos os detalhes”, comentou Conti.

DIVULGAÇÃO



CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em quatro vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco



Secretaria
da Casa Civil



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

Para contar sua história, Caparrós usa o personagem Carlos, ex-militante de um grupo de esquerda que lutou contra a ditadura argentina. Depois de anos tentando ignorar seu passado, já doente e solitário, tem encontros semanais com a jovem prostituta Valeria que geralmente terminam em acaloradas discussões e questionamentos. A esposa, Estela, é desaparecida. Estava grávida quando foi presa, em 1977, e Carlos assume após tantos anos a ideia de vingar sua morte. Um padre, que atuou na prisão onde sua mulher fora detida, torna-se o ícone da vingança, já que é reconhecida a “bênção” que a Igreja Católica na Argentina deu aos militares, em seu ofício de matar.

Nas citações iniciais do livro, há uma do Monsenhor Pío Laghi, núncio apostólico de Buenos Aires em 1977, quando o general Jorge Rafael Videla já estava com sua máquina de fazer desaparecidos funcionando na força máxima.

“Os valores cristãos estão ameaçados pela agressão de uma ideologia rechaçada pelo povo. O país tem uma ideologia tradicional, e, quando alguém pretende impor um ideário diferente e estranho, a Nação reage como um organismo munido de anticorpos diante dos germes, e assim surge a violência. Nesse caso o direito deverá ser respeitado na medida do possível.”

Esse “na medida do possível” resultou num pacto da Igreja Católica com os militares que abortou inúmeras conexões com os movimentos de Direitos Humanos. Um Dom Paulo Evaristo Arns fazia muita diferença, naqueles tempos sombrios.

“Eram coisas que eu me perguntava com gravidade e que, em algum momento de descuido, cheguei a achar que deveria saber: como um homem decide viver numa vida que não se parece em nada com a vida dos homens?”, diz Carlos, falando sobre a clandestinidade.

As contradições atravessam toda a narrativa. “Mas claro, é evidente que nos enganamos. Nos enganamos como uns animais, para valer, sem atenuantes: nossas tentativas foram tão erradas que os que nos venceram aproveitaram para conseguir que a Argentina fosse muito mais injusta e sórdida e estúpida que antes que nos propuséssemos a melhorá-la, e ainda por cima muitos de nós morreram naquele caminho.”

Pouco depois, a constatação: “eu teria de aceitar que esses erros me proporcionaram os tempos mais felizes da minha vida”.

O que o motivou a escrever o romance, depois de publicar a trilogia *La Voluntad*, um volumoso material sobre a história da militância revolucionária na Argentina, no final dos anos 1990, foi a utilização, por parte do Kirchnerismo – citando o ex-presidente Nestor Kichner e sua esposa, Cristina –, da história das organizações revolucionárias para dar um “tom épico” a um governo de centro.

“Pensei que queria voltar a escrever sobre o assunto: não sobre os anos setenta, mas sobre o uso do relato deste período”, diz.

NÃO É FÁCIL

A palavra *rakudianai* fora ensinada por um japonês do bairro da Liberdade ao pai de Persio. Quer dizer “não é fácil”, e o velho sempre a usava, para citar os momentos de naufrágio da vida.

Se Caparrós aceita um soco no queixo de sua geração (que aparece como “a geração mais fracassada dessa

longa história de fracassos que é a história argentina”), Persio mostra o sofrimento pessoal e de sua família, de origem libanesa, abalada com a prisão de um rapaz de 18 anos, envolvido com o comunismo. Pior. Um parente do lado paterno, “reacionário feroz”, denunciou dois casais próximos da família a um militar da alta patente. Perguntado sobre a delação, confirmou sem arrependimento. “Meu sobrinho, primeiro neto da família, um Arida, parente do Patriarca do Líbano, comunista por convicção própria? Jamais”.

Em um momento tocante do seu relato, fala de sua prisão, em 1970, quando o governo Médici aperfeiçoou a máquina de tortura, que liquidaria toda a guerrilha armada até 1973. Ele acorda no meio da noite, enfurecido consigo mesmo. “Querida esmurrar as paredes, de ódio da minha própria imbecilidade”.

A constatação era simples, mas levou muito tempo para ser processada: “Eu sabia que nada daquilo tinha futuro. Cisões, rupturas, prisões, mortes, desistências – não passava um mês sem que a esquerda revolucionária fosse destruída em mais de um de seus grupos e organizações”.

Por trás das lutas intestinas pelo poder e mando, avalia Arida, estavam a inveja, a intriga e a maledicência, firmes e fortes. “Che Guevara estava errado: dali não surgiria homem novo algum”.

Mas se a batalha estava perdida, por que arriscar a vida no que ele denomina “altar da revolução?” Por que não desistiu? “A resposta crua: covardia. Mais precisamente, falta de coragem para ser covarde”, prossegue. Numa narrativa repleta de confissões comuns e pouco heróicas, Persio diz que estava “viciado na aura de heroísmo da vida revolucionária”.

Se o personagem de Caparrós perde sua mulher nas garras da repressão, Persio deixa que Silvia, “mulher de olhos vivos e coração iluminado, possuída pela chama da loucura”, vá embora de sua vida para o Oriente. Mesmo convidado para acompanhá-la em uma longa aventura distante de São Paulo, resolve ficar. A militância revolucionária era sua salvação, seu “único mundo”. “Não há nada que tenha tanto efeito em uma mulher quanto um beijo de despedida tendo como justificativa os compromissos com a revolução. Ao final, ela se foi, do Oriente jamais retornou, e preferi esconder de mim mesmo a natureza esfarrapada da minha desculpa”.

Caparrós, que pontua seu romance com o tema da vingança, uma revisão constante do que foram aqueles anos, revela com certa crueldade o próprio país. “Fomos a grande promessa e agora somos uma galeria para que turistas passem desfrutando do que inventamos mesmo sem querer: o tango, o bife, o futebol. O que quisemos mesmo fazer – se é que realmente quisemos fazer – nunca deu certo”.

Os dois autores discordam de um certo lugar comum, de que os militantes presos, mortos, foram “jovens bem-intencionados, mártires-coelhos”, meninos e meninas “generosos ingênuos que queriam melhorar o mundo”.

“Sim, é verdade, mas queríamos melhorá-lo com um revólver na mão. O que não nos torna piores – nem muito menos –: torna-nos diferentes do que foi relatado”, diz Caparrós.

Persio, sem meias palavras (e exagerando), avalia que se os movimentos guerrilheiros tivessem dado certo, “teriam feito do Brasil uma grande Cuba”.

INOVAÇÃO

Cordelista aposta em caixas com folhetos para livrarias

O cordelista-desenhista Cícero Lins de Moura encontrou um recurso para vender seus folhetos em livrarias. Criou coleções com dez cordéis acondicionados em caixas e está comercializando-as nas livrarias Imperatriz, Cultura e Poty. A coleção *Cordel cicatriz* tem dez caixas, com 100 folhetos com títulos dos mais variados, como *O corno e o detetive*, “*Com certeza*” é vício ou palavrão?, *Acarajé: um ácaro baiano* e *O xampu e o pixaim*, entre outros.

ARQUITETURA

Livro sobre arquitetura contemporânea defende que o olhar crítico é uma das mais eficazes formas de cidadania

Um “livraço”, não só para especialistas mas para todos que gostam de arquitetura e querem compreender um pouco como estão se desenhando as cidades contemporâneas, é *Arquitetura no novo milênio*, de Leonardo Benevolo, lançado pela editora Estação Liberdade. Além da extensão física (são quase 500 páginas e cerca de 900 imagens), o livro traz como

condutora central a ideia de que olhar criticamente a feitura dos prédios e cidades (os dois estão indissociados) é também um exercício de cidadania. O autor, que já tem no currículo obras clássicas sobre a história da arquitetura moderna, não hesita em abdicar do “distanciamento objetivo” que o tempo propicia, para mergulhar de peito aberto na apreciação do que está sendo erigido aqui e agora, no mundo.

CAPA

"VIVER É MÁGICO
E INTEIRAMENTE
INEXPLICÁVEL."



"OH A RIQUEZA DE
ENVEIHECER,
QUANTO MAIS
ENVEIHECIA, MAIS
DESCONHECIDO
ERA O PASSADO."

"EXISTIR É TÃO COMPLETAMENTE
FORA DO COMUM QUE SE A CONSCIÊNCIA
DEMORASSE MAIS DE ALGUNS SEGUNDOS
NOS ENLOUQUECERÍAMOS."



Sem medo algum de ser Clarice Lispector

Leitores erguem visões bem pessoais da autora, a despeito da sua obra

Isabelle Barros

Praça Maciel Pinheiro, Boa Vista, centro do Recife. Lugar onde Clarice Lispector (1920-1977) passou alguns dos anos mais importantes de sua infância e a fez afirmar, em entrevista próxima à sua morte: "O Recife está todo em mim". Para evocar a memória da moradora ilustre, o lugar abriga uma das 12 estátuas de concreto que integram o Circuito da Poesia, homenagem feita a artistas que tiveram Pernambuco como parte integrante de sua vida e obra. Esta é uma imprecisão histórica, pois a escritora jamais publicou poemas.

A Clarice de cimento está sentada, com a máquina de escrever no colo. Tem como vizinhança os trapos da lendária Juraci, moradora de rua conhecida como a Rainha do Real. Dizem os taxistas da região que, de vez em quando, ônibus escolares e turísticos fazem uma rápida parada para tirar fotos da escultura antes de seguirem viagem. A atenção atraída pela homenagem é medida por outra variável, distante do

mundo literário. "Não tem aquele abajur vermelho ali, ao lado da estátua? Sempre roubam", alertam os flanelinhas.

Era sábado de liquidação nas lojas de móveis dos arredores. No meio do burburinho, uma família de classe média fazia imagens de todos os ângulos da praça. Quem empunhava a câmera era uma mulher, de aproximadamente 40 anos, que fazia parte de um clube de fotografia chamado Amantes da Zona Norte. Pergunto se ela estaria lá também para ver a antiga casa da escritora. Ela, a princípio, nega, mas se apressa a dizer que adora a obra de Clarice e vai, sim, tirar fotos do sobrado de número 387. "Ela é muito do nosso dia-a-dia, não é?". A frase tamborila nos ouvidos. Não deixa de ser irônico ouvir isso a respeito de uma escritora conhecida por seus saltos metafísicos, com trechos de tons epifânicos procurando tatear um espaço além da linguagem.

Mais do que qualquer outro autor da língua portu-

KARINA FREITAS



guesa, Clarice virou um fenômeno pop, ao mesmo tempo em que se transformou em uma espécie de panaceia intelectual. Sua obra, dedicada ao espanto do estar no mundo, passou a ser considerada como prova de bom gosto em presentes de aniversário ou usada em epígrafes ao final de e-mails. “Em vida, ela era admirada principalmente por intelectuais e artistas. Próximo à sua morte, também atraiu os leitores da classe média carioca que a conheceram por meio de suas crônicas no *Jornal do Brasil*. Ela chega tão ao âmago das pessoas que nos vemos refletidos nela como em poucos escritores – até diria em nenhum escritor – que conheço. “Clarice escreveu: ‘Eu sou vós mesmos’. Então, eu diria: as pessoas esperam tudo dela. E, hoje, ela se tornou realmente um objeto de culto”, avalia o escritor e autor da biografia *Clarice*, Benjamin Moser.

CLARICE, A ELEITA

A profundidade e amplitude de sua literatura, junto à sua figura misteriosa, propensa a mitificações, a tornaram uma tábua rasa, sobre a qual nenhuma interpretação parece ser suficientemente absurda. Quem a lê e se deixa envolver por sua prosa quer tomá-la para si, o que acontece até hoje com intelectuais, estudantes, celebridades. Pilhas de livros tentaram compreendê-la, ligá-la ao feminismo, ao judaísmo e até ao zen-budismo. As hipóteses para decodificar esse estado de coisas são variadas. “Ela não era banal. Ucraniana, falava iídiche e teve uma vida de peripécias. Belíssima, tinha mesmo tudo para se transformar em ícone. As pessoas se identificam porque a sensibilidade dela está em um ponto entre a mulher e o homem. Ainda não há quem possa ocupar o seu lugar”, avalia a poetisa e professora de Letras da UFPE, Lucila Nogueira.

Para o crítico literário e escritor José Castello, sua morte deu curso a um processo involuntário e, ao mesmo tempo, relativamente comum a quem se

destaca como artista: o de santificação. “Quando Clarice estava viva, muita gente dizia que ela era uma mulher desequilibrada, difícil, intratável até. Que escrevia uma literatura ilegível, que não passava de um transe. O que não tem relação alguma com sua grandeza como escritora. Ela é um dos maiores nomes da literatura em língua portuguesa em todos os tempos, mas não foi uma mulher perfeita. Ao contrário, acentuou sempre sua humanidade e sua imperfeição. Sua literatura, em vez de explicar, abre um rombo. Ela nos deixa diante da fragilidade absoluta do existir”.

Outra razão apontada pelo interesse despertado por essa brasileira nascida na Ucrânia é a divulgação consistente de seus livros ao longo das últimas décadas. Atualmente, a editora Rocco é a única dona dos direitos de publicação de seu material, o que facilita as reedições. “É preciso lembrar uma coisa: a obra de Clarice Lispector sempre teve repercussão significativa. Ela mesma declarou ter recebido muitas cartas e telefonemas dos leitores. O investimento em publicações após sua morte, as inúmeras adaptações de sua obra para o teatro e o cinema e a organização de exposições também ajudaram a mantê-la em evidência”, sentencia a pesquisadora Teresa Montero, autora da biografia *Eu sou uma Pergunta*, lançada em 1999, e organizadora de seis dessas edições póstumas. “A ampliação dos meios de comunicação também tornaram possível uma circulação mais rápida de seus livros”, emenda.

O resultado disso é uma constante renovação dos leitores, o que a reveste de uma característica adicional. “Ela é muito lida por adolescentes entre 15 e 20 anos, mas continua sendo procurada após essa fase da vida, ao contrário de outros criadores. Quem cai de amores, vai lê-la sempre, o que não ocorre com outros autores de romances de formação”, observa o professor de Letras da UFPE, Anco Márcio. “É como se o escritor criasse uma ambiência, um modo de estar

A internet opera um papel especial – e ambíguo – com relação ao legado da autora de *A hora da estrela*

no mundo talvez almejado pelo leitor. A literatura revela o mundo e Clarice tinha essa consciência”.

CLARICE E A INTERNET

A internet opera um papel especial – e ambíguo – com relação ao legado da autora de *A hora da estrela*. Frases retiradas de contexto se tornaram aforismos a serem pinçados de sites, onde disputam espaço com anúncios de compras coletivas e de encontros amorosos. Trechos das obras se multiplicam em redes sociais como *Orkut*, *Twitter* e *Facebook*, vocalizando os mais diversos estados de espírito para pessoas as mais surpreendentes.

Um exemplo curioso é o da autointitulada atriz, apresentadora e empresária Ângela Bismarchi. Conhecida por suas apresentações no Carnaval carioca e pelas especulações sobre quantas vezes já passou por cirurgias plásticas, ela citou a escritora em seu perfil no *Twitter*. “Não tenho tempo pra mais nada,

CAPA



ser feliz me consome muito". Perguntei se ela já havia lido algum livro de Clarice Lispector, mas não houve resposta. "Acho que essas passagens (da internet) são sintomas do nosso tempo. É uma carência das pessoas. Vivemos numa época muito impessoal. E essa obra tão singular é dada a frases lapidares, então é possível fragmentar sua obra dessa forma", diz Lucila.

No dia 1º de setembro, foram colocados mais alguns tijolos no muro de admiração construído em torno da imagem da escritora. A partir de uma coluna do jornal *O Globo*, espalhou-se o boato de que a atriz Meryl Streep viveria Clarice no cinema. A "barriga" repercutiu nos meios de comunicação do país inteiro e entrou nos *trending topics* do *Twitter*, com reações variando entre a histeria ("Seria a glória!") e o enfado ("Já pode dar block nesse filme?"). Difícil foi ficar indiferente. "Acho que devemos colocar isso como mais um exemplo da 'lenda de Clarice Lispector'. Só fiquei sabendo pelo filho dela, que viu essa história no jornal e teve de passar dias e dias desmentindo. Acho fascinante ver como sua obra tem se expandido depois de sua morte, como se ela ainda escrevesse", pontua Moser.

É fácil encontrar quem se disponha a espalhar pílulas de Clarice em 140 caracteres. Pululam no *Twitter* perfis como @FrasesdaClarice, @C_Lispector, @clariclispector e afins. O mais popular deles, @clalispector, tem pouco mais de 159 mil seguidores e foi criado por Lucas Freire, designer, escritor em formação e mantenedor do blog *Conversa oca*. "As frases que eu posto tem, em média, mais de 500 retweets. As que contêm as palavras 'amor' ou 'paixão' são sempre as mais populares, mas não acho isso bom. A maioria das pessoas não separa um minuto para prestar atenção, tentar captar o que aquilo representa. Parece inacreditável, mas muita gente quer entrar em contato com a Clarice Lispector em pessoa, e não comigo. Há até quem

responda 'eu te amo'. Tenho de lembrar várias vezes aos seguidores da minha conta que ela morreu há mais de 30 anos, e quem tuíta sou eu, um leitor".

Entre os sites de divulgação feitos por admiradores, o mais acessado é o blog *Clarice Lispector*, alimentado pela historiadora e poetisa Keidy Costa, de Natal. A página tem mais de 500 mil *pageviews* e uma média de 1300 visitas diárias. A ideia é reunir tudo o que Clarice escreveu para uso pessoal. "O conteúdo reflete a minha disponibilidade de tempo, o livro que leio no momento e a necessidade de levar ao conhecimento público um trecho de uma obra que deixo de citar por muito tempo". Embora acredite que gostar de Clarice se tornou moda, ela não acredita que a obra dela se torne "gasta" algum dia. "Sempre há alguém querendo se libertar por meio de seus escritos. O importante é as pessoas desenvolverem o hábito de lê-la, seja algumas frases ou a obra inteira".

A escritora dispõe de outros indicadores de popularidade mais controversos, como a profusão de escritos atribuídos a ela cuja autenticidade é duvidosa. Para verificar isso, basta digitar "Clarice Lispector poemas" em qualquer site de busca. Um dos links tem como resultado os versos "Não te amo mais / Estarei mentindo dizendo que / Ainda te quero como sempre quis", com a indicação de leitura na ordem inversa. Não é preciso ler mais para descartar a suposição de autoria. "Uma das maiores deferências que se pode fazer a um escritor é colocar o nome dele em algo feito por outros. É como se o apropriador dissesse: eu não mostro minha cara, mas digo tudo o que tenho para dizer por meio desse artista", observa Anco.

NÃO ESTOU LÁ

Em certos casos, a atenção dispensada à obra de Clarice chega às raias da falsidade ideológica, como ilustra uma experiência vivida por Moser. "Alguém no Pará tentou me vender uma segunda

A ânsia de ver a obra de Clarice Lispector até onde ela jamais existiu, gerou até pendengas judiciais

edição autografada de *A hora da estrela*. Achei muito interessante, pois a primeira foi publicada semanas antes da morte de Clarice. Tenho um desses raríssimos livros autografados. Mas, para mim, a segunda edição seria mais rara ainda, pois não sabia de nenhuma reimpressão feita antes de sua morte". Para se garantir, o biógrafo pediu uma foto da dedicatória e da página de copyright. "Lá, havia o seguinte: 'Lispector, Clarice, 1925-1977 ... José Olympio, 1978.'. Ela estava autografando livros depois de sua morte! Por um lado, essa fraude é muito séria, ainda que malfeita, mas é possível ver esse caso como uma perversa homenagem".

A ânsia em ver Clarice mesmo onde ela não existe levou até a pendengas judiciais. Em 1997, o empresário e escritor Edson Marques diz ter escrito o poema *Mude*, atribuído posteriormente a autores tão díspares quanto Pedro Bial, Paulo Coelho, Cecília Meireles e também à caçula da família

KARINA FREITAS

"PARAMBÓLICA QUE
SOU. NÃO ME POSSO
RESUMIR, PORQUE NÃO
SE PODE SOMAR UMA
CADEIRA E DUAS MAÇÃS.
SOU UMA CADEIRA E
DUAS MAÇÃS. E NÃO
ME SOMO."

"A REVELAÇÃO
DO AMOR É
A REVELAÇÃO
DA CARÊNCIA-
BEM-AVENTURADOS
OS POBRES DE
ESPÍRITO PORQUE
DELES É O
DILACERANTE
REINO DA VIDA."

"VOCÊ DE REPENTE NÃO
ESTRANHHA DE SER VOCÊ?"

Lispector. "O que pode ter levado as pessoas a supor que meu poema é 'de Clarice', imagino, é que ambos escrevemos bem. E que ambos, cada um a seu modo, somos existencialistas. Os temas dela são o amor e a liberdade, a solidão e o nada. E as pessoas geralmente gostam disso. Vistos de bem perto, nossos estilos não se parecem, mas, no fundo, sinto-me altamente lisonjeado por ser 'confundido' com ela".

Mas, em 2001, quando os versos foram declamados no comercial de uma montadora, o autor entrou com uma ação contra o filho da escritora, Paulo Gurgel Valente, que supostamente teria vendido os direitos à agência de publicidade que detinha a conta da multinacional. A ação está em segunda instância. Na primeira, o ganho de causa foi de Edson. "A maioria dos leitores de Clarice não acredita que sou eu o autor, mesmo depois de ter publicado o registro na Biblioteca Nacional. Seus fãs se recusam a supor que tal poema não seja dela". Mesmo que a escritora tivesse, algum dia, escrito poemas, a leitura rápida de dois versos não deixa margem a especulações estilísticas. "O mais importante é a mudança, o movimento, o dinamismo, a energia. / Só o que está morto não muda".

CLARICE E A HISTERIA

Se os livros de Clarice pedem a renúncia à ideia de um cotidiano plácido para dar lugar à intensidade da experiência humana, o efeito que sua obra causa em seus leitores dá margem a reações exaltadas. É famoso o episódio no qual a cantora Maria Bethânia, contrariando sua postura reservada, se curvou diante de Clarice e exclamou "minha deusa!", para desgosto da escritora. Outro exemplo é um comentário retirado da postagem de uma entrevista de Clarice Lispector no YouTube. "Não se gosta de Clarice como se gosta de abacaxi! Você não gosta de Clarice, você ama Clarice! Você não

entende Clarice, você sente Clarice!". Doze pessoas "curtiram" essa observação no site. "Vivemos uma era de tecnologia avançada, mas nosso fascínio pelos mitos se parece com o dos homens primitivos. Muitos adotam Clarice como Grande Mãe, outros a odeiam como uma bruxa doida. As duas posições conduzem à mesma cegueira diante de Clarice e de sua obra. A propósito, a literatura dela fala justamente disso. É uma questão de lê-la com atenção, sem idealização", reflete Castello.

Tanta paparicação de seus leitores também dá margem a reações de desgosto, embora Clarice esteja em uma situação próxima da unanimidade. "Vejo certa irritação na área de Letras, pois ela é uma das escritoras mais lidas e, ao mesmo tempo, faz parte de uma vanguarda. Ainda vivemos em um país muito machista, e pessoas de visão conservadora talvez se chateiem com seus textos", opina Lucila. Segundo a poetisa, é surpreendente que ela seja bem aceita em um país como o Brasil, onde a expressão mais adotada é o realismo, situação muito diferente do resto da América Latina. "Basta ver qual é o maior escritor brasileiro vivo: Rubem Fonseca. Clarice, por sua vez, não pode ser chamada de realista".

Não à toa, quem se identifica com a autora se dá o nome de "clariciano" ou "clariciana", como se fosse membro de um universo à parte, uma comunidade secreta. Para Castello, Clarice é vítima de muitos preconceitos. Eles começam não com seus inimigos, mas com seus admiradores. "Alguns a leem como uma filósofa, outros como uma bruxa, outros ainda como um mestre. Ou seja: congelam suas ideias, transformam-nas em 'lições', reduzem-na a meia dúzia de chavões. Mas transformá-la em mestre das grandes respostas é recusá-la, é não ler o que ela escreveu".

Muitas vezes, essa leitura redutora ou incompleta não é privilégio duvidoso de neófitos ou desavisa-

dos. "A impressão geral é de que ninguém entende o que ela de fato escreveu, exceto os textos mais elementares, como *Laços de família*. *A paixão segundo G.H* e *Água viva* já são outra história. Durante uma das minhas aulas, perguntei a meus alunos sobre o que esse último livro tratava e ninguém soube responder", recorda Lucila.

Castello argumenta que Clarice foi um gênio e eles são, quase sempre, reduzidos a imagens grandiosas e fixas. E que a literatura dela não foi feita para jogos de espíritos de intelectuais, ou divertimentos para beiras de piscinas e salas de espera de aviões. "Isso mata seu pensamento e a mata pela segunda vez. Ela coloca-nos diante do humano, sempre vivo e por isso mesmo instável e 'sem solução'. Mas as pessoas, em geral, não suportam isso, então a transformam numa autora de frases do 'bem viver' e assumem o papel de seguidores. Formam-se comunidades, séquitos, clubes. Ela odiaria tudo isso".

Dona de uma obra que devassa o íntimo do leitor, como se o atravessasse, Clarice paira acima da vida e da morte para seus leitores, para o bem e para o mal. Uma pista sobre o que Clarice realmente pensaria de toda a atenção em torno de si após sua morte estaria em seus textos, como nas palavras escritas em *Um sopro de vida (Pulsações)*, da fase final de sua carreira. "Quando acabardes este livro chorai por mim um aleluia. Quando fechardes as últimas páginas deste malogrado e afoito e brincalhão livro da vida então esquecei-me. Que Deus vos abençoe então e este livro acabará bem. Para enfim eu ter repouso. Que a paz esteja entre nós, entre vós e mim. Estou caindo no discurso? Que me perdoem os fieis do templo: eu escrevo e assim me livro de mim e posso, então, descansar".

Isabelle Barros é jornalista e mestranda em comunicação social

FLÁVIO PESSOA

150% Never Saved

usaiss S2

editar é meu ofício fa

SUPLEMENTO LITERÁRIO

capa002
Layer 9
Layer 7
Layer 5
Background
Select Similar Layers

LIBÉRIO NEVES
VERBAL DE
Libério Neves

“A gente não pode descons...
país racista e machista. O ver...
poesia pode, num relance, sa...
porta-voz de uma ideia”, afir...
Apesar de lançar mão do im...
plé e da umbanda, ele não tñi...
desses elementos era mais um...
Rafaela. “A gente costuma fal...
um contador de histórias. Usa...
negro, ele ensinava às pessoa...
com a sua obra”, afirma. Am...
chamavam França de Exu liter...
próxá que abre caminhos. “Mú...
jam e se afirmaram nos recitais...
a pesquisadora.

Acima de tudo pode-se dizer...
que ela é performática – dent...
Se, nas ruas, o autor encenava...
do grupo de teatro que fundou...
atro dos Amadores de Olinda...
ria não era diferente. A obra inflamada ganhava...
nas páginas, formas, cores, cheiros e oralidade. “É a...
poesia viva”, como definiu Laine Amaral, também...
fundadora do TAO.

Segundo Rafaela, na vida de França, a poesia exer...
cia ainda um papel de autoconhecimento. “Quando...
a gente estuda os manuscritos da década de 1970...
vemos que escrever era como se fosse um meio de...
terapia. Ele foi reconhecendo os problemas do povo...
trazendo isso internamente.”

... havia se tomado uma figura mítica quando

quiamus modis eos et eum volessum aditem ipsa...
picti corem que preperatis idellup tatecum rendam...
...
jes nimus.
Mentus commo evenissit equatú debis aborpor...
gererepe sapidus.
Ost faccst plis nullaccum exerumquia commo...
luptate poreruptas rem voluptat ad omnolec totatur...
simendituri, volectotatus simintibus imet eum qui...
denisci emlendellant quo despide cusdam fugiand...
ambustium a dit magnam, in eate pe cus vollur lanis...
doluptas evendestis ac cus et quiae. Et explique perat...
et facit ut is eactum qui dolum volor aut libusant...
doluptio commod mod qui dolor acepraie. Ipsuntet...
dolupta tumquibus voles accus aborum, umt ac custe...
nimí, voluptaspici aut plant maximporepe nusa volor...
jes eos suntibe duciam acruprae. Ut ut re perciassm...
et omnis resto magnat quae sintis quis apictota natio...
Et as esed modit as et ex ea inplandus aditam, si dem...
dusam ex et mo volo eumquuntur, sum aborro tem...
velluptus dem susamEm publice sedelic imisque...
porum patia me ocus aperfes co C. Caus movem imus...
hostemorum re re ego ingulicent? Finareí consimo...
vehebulia cas actenatu simlic ibuterf entrum tas me...
hos opublibus, es, et, nos verem oritios peris C. C...
Huteris, nonsid cam quitam iam praeder fecususte...
ditudandit; nox num ia? O tus tnatqu onestoraie...
essul vere inatam acta in tam orem nos con rei co...
pñine ideps, pes! Sulartis. Senterbis; nia tumit. Nata...
di issilne iam eorum dii jus vvasdam Um. Ninatis...
Duperevid cut L. Satim diús, noctante noitit vendam...
sum aus halis sentire is ipediti quivum nitruie dlorur.

sua fase áurea – não é à toa que Humberto Werneck, membro do conselho editorial da publicação, não poupa elogios aos primeiros anos do suplemento. Ele diz, em texto publicado na edição de agosto do jornal: “Nele escreveram os graúdos da literatura brasileira – uma lista cintilante que não se esgota em Drummond, Murilo Mendes, Antonio Candido, Autran Dourado, José J. Veiga, João Cabral de Melo Neto, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Osman Lins, Luís Costa Lima, José Guilherme Merquior, Lygia Fagundes Telles, João Antônio, Tristão de Athayde, Antônio Houaiss, Silviano Santiago, Benedito Nunes e até mesmo o esquivo Dalton Trevisan, para citar apenas alguns dos colaboradores fora de Minas Gerais”.

Jaime Prado, que trabalhou pela primeira vez no SLMG ainda em 1969, diz se sentir em casa cuidando do caderno, ainda um dos mais influentes do país. “Tento manter o foco imprimido por Murilo Rubião: fazer uma publicação de bom nível literário com espaço para os que estão começando (como, aliás, o Murilo fez com a nossa turma)”, defende o editor. “E, aqui, ‘começando’ não significa que o autor seja obrigatoriamente jovem: no próximo número teremos a estreia de um contista de 73 anos de idade, de ótimo nível”.

Apesar do peso de lidar com um caderno tão tradicional – Humberto Werneck diz que, em Paris, Julio Cortázar costumava ler o suplemento –, Jaime Prado destaca as vantagens criativas de atuar no SLMG. “Aqui sempre tivemos liberdade para trabalhar, mesmo nos tempos da ditadura. Talvez até mais que em suplementos ‘de jornal’, que podem sofrer pressões econômicas, por exemplo. Não corremos esse perigo”, enaltece o editor.

Outro veículo oficial em atividade é a revista *Graciliano*, da Imprensa Oficial de Alagoas, que também leva o nome do autor de *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*. Espécie de irmã da revista **Continente**, impressa pela Companhia Editora de Pernambuco,

também responsável pelo **Pernambuco**, a publicação não se dedica exclusivamente à literatura, mas sim à cultura como um todo. Com um novo projeto gráfico, ela reúne bimestralmente reportagens, artigos e ensaios sobre os diversos campos artísticos e a tradição popular do estado.

“Nossa intenção é, acima de tudo, garantir a cobertura e a reflexão de manifestações culturais realmente importantes e que sejam de interesse e de acesso público”, explica a editora, Janayna Ávila. “Para construir esse novo projeto da *Graciliano*, buscamos conquistar novos leitores e, por isso, tudo foi pensado para atender um público mais amplo. A ideia é fazer com que a *Graciliano* seja uma revista cheia de informações relevantes, mas também bonita, bem diagramada, que dê vontade de colecionar”.

Diversos outros estados também já tentaram engatar suplementos vinculados a órgãos públicos. Um exemplo é o *Suplemento Literário Amazonas*, que saiu entre 1986 e 1988, comandado pelos escritores Arthur Engrácio e Alcides Werk, e que teve sua importância para divulgação da produção local. Depois, a Secretaria de Cultura do Amazonas, na segunda metade da década de 1990, ainda lançou o *Muhra*, também já extinto.

O maior problema dos suplementos, vinculados a órgãos governamentais, é justamente o de sobreviver intactos a mudanças políticas. O mais comum é a saída do editor e do corpo de colaboradores – um processo relativamente natural. Publicações de menor tradição, no entanto, podem ser simplesmente encerradas, desarticulando em certa medida a construção de uma voz literária estadual.

Um dos jornalistas e escritores que viveu a situação na pele foi o paraibano Astier Basílio. Com experiência de edição em suplemento de jornais – ou seja, de maior aspecto comercial – e uma passagem também pelo *Correio das Artes*, caderno

semanal do jornal governamental *A União*, ele lidou com limitações distintas nos dois veículos. No *Augusto*, encartado no *Jornal da Paraíba* entre 2005 e 2007, Astier Basílio tinha uma maior liberdade de criar novas seções e de intervir até mesmo na parte gráfica. “Encarado como produto da casa, o foco do suplemento era aquela abstração chamada ‘leitor médio’. Assim sendo, não se podia fazer uma edição pesada demais, hermética, como o antigo *Mais!* da *Folha*, nem um suplemento que não enfrentasse a reflexão. Foi nesse equilíbrio que pautamos as edições todas”, ele lembra.

Já no *Correio das Artes*, Astier Basílio foi convidado por Sívio Osiais. “Na ocasião, e é até meio brega dizer isso, mas era a verdade, eu disse que eu tinha me preparado a vida toda para ser editor do *Correio*”. No suplemento estatal, abarcando também outras artes, o editor conta que se sentia menos confortável para ser inventivo, numa espécie de censura interna. “Nunca recebi nenhum gesto de censura, nem de sugestão direcionada, não é nada disso. É aquela ‘linha editorial’ que o próprio jornalista internaliza, sabe? De se levar em conta o que notáveis, pessoas da cultura, comentam”, confessa. De certa forma, para ele, exerciam uma influência indireta no caderno a Academia de Letras local, a velha guarda do jornalismo, os escritores oficiais, dentre outros.

Ainda assim, se o paraibano lidava com o peso da tradição do caderno, o respeito acumulado do *Correio das Artes* rendia também uma maior circulação dos textos e reflexões ali publicados. “A avaliação transcende meu período como editor, que foi curto, de seis meses apenas. O caderno sempre teve uma repercussão maior, pela tradição e, principalmente, porque com Linaldo Guedes, que editou o suplemento entre 2003 e 2009, chegamos à internet e às discussões”, pondera, lembrando de textos com grande repercussão, como o manifesto *Odeio poesia*,

ESPECIAL

escrito por Hildeberto Barbosa, contra a poesia de invenção. Astier Basílio saiu da publicação depois de uma mudança de governo, que o acusou de ter feito campanha para o opositor.

Na verdade, os suplementos de diários oficiais dialogam com uma longa história de revistas e jornais literários brasileiros. “O Brasil sempre teve uma relação muito estreita entre jornalismo e literatura como um todo, como se pode ver com Machado de Assis e José de Alencar, que publicavam seus romances nos jornais”, resgata Isabel Travancas, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apesar de uma longa tradição de veículo menores, segundo ela, só nas décadas de 1940 e 1950 surgiram no país os primeiro cadernos de jornais dedicados exclusivamente à literatura, como o *Ideias*, do *Jornal do Brasil*.

Para a acadêmica, a partir desses fenômenos, o campo passa a dialogar com figuras externas a ele. “Essas publicações dão uma visibilidade da

literatura para um público maior, se voltam para o ‘espaço público’ mesmo”, destaca. Possibilitando o início de um debate, esses cadernos e revistas se tornaram fundamentais para o desenvolvimento da crítica e da reflexão sobre o tema.

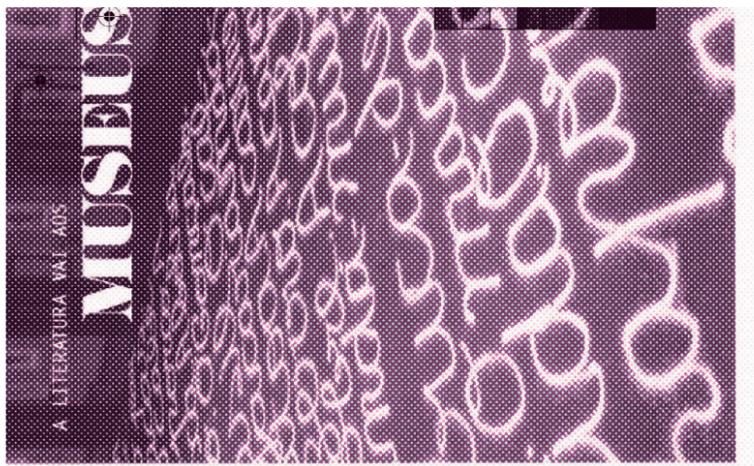
Raul Antelo, professor de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, reporta-se ao momento em que os veículos que falam sobre literatura começaram a aparecer no Brasil, ainda no século 19. Nesta época, uma das principais preocupações dos escritores – e dos homens letrados como um todo – era a de dar voz a identidades nacionais ou de classe. Ele recupera as declarações dessa época de Domingos F. Sarmiento, escritor e presidente da Argentina, que via o jornal e a literatura como local de circulação e debate dos valores democráticos – o equivalente, para os povos modernos, do fórum romano. “A imprensa substitui a tribuna e o púlpito; a escritura substitui a palavra e a oração

que o orador ateniense acompanhava com a magia da gesticulação”, dizia o político, falecido em 1888.

Ele cita um termo-chave para o argentino, “diarismo”, ou seja, defende a ideia de que o escritor deve fazer “o diário no jornal, como uma forma de militância cívica”. Nessa visão, os suplementos literários são tidos como um local em que autores podem falar publicamente. “Derrida reiterou várias vezes que, com o pretexto da ficção, a literatura do século 19 chega a se sentir capaz de dizer algo, o que equipara a literatura a outras instituições sociais, como os direitos humanos ou a liberdade de expressão”, explica Raul Antelo.

Então, para o acadêmico, nessa época, é o ato de publicar um texto que “vincula a palavra literária à reflexão política e filosófica, libertando-a de seu confinamento no reino do doméstico ou do privado”. Mesmo que esse contexto tenha mudado bastante, e que agora exista inclusive uma

FLÁVIO PESSOA



Pesquisador defende que os suplementos não deveriam olhar para o contemporâneo como o atual

dificuldade de separar quem é autor e quem é leitor, é importante, para o professor, entender essa história.

Raul Antelo, no entanto, não é otimista em relação ao papel dos suplementos hoje. “Não há mais intervenções construtivas como o *Suplemento Literário do Jornal do Brasil* dos anos 1950-60. Não há mais suplementos eruditos como o do velho *Estadão*, do Décio de Almeida Prado. Nem mesmo o *Folhetim* da redemocratização, com maciça colaboração uspiana”, lamenta. “O jornal é, então, jornal do luto e é luto pelo diário de um letrado que buscava esclarecer com valores universais”. Outro ponto crítico é a invasão de assuntos de outras artes, como o cinema e música, nesses veículos.

Para ele, o papel desses cadernos e revistas é nos familiarizar com elementos residuais da sociedade. “O suplemento literário não deveria olhar para o contemporâneo como o atual. O contemporâneo é o inatual. Aquilo que ainda (ou já não mais) atua. Se é um suplemento, se suplementa a tarefa da educação e da crítica, é no sentido de mostrar quanto passado ainda nos resta por digerir para nos pensarmos contemporâneos”, defende Raul Antelo.

Esse papel político e social dos suplementos também encontra eco na palavra de Isabel Travancas. “Acho que o suplemento tem o papel de colocar em cena a literatura. Minha visão é a de que eles precisam trazer para a literatura questões de maior interesse coletivo, como discutir a sociedade hoje e o papel do cidadão, do governo, das editoras e dos editores, por exemplo”, sugere a professora.

Astier traz duas sugestões. Para ele, os jornais podem investir tanto na integração da literatura com o dia-a-dia do leitor como na interdisciplinaridade, focando-se em ceder espaço para que os escritores falem de outros assuntos, como cinema, música e artes plásticas.

Já para Rogério Pereira, o panorama atual é positivo, de certa forma. “Pegando pelos suplementos de diários oficiais, como o de Minas Gerais e o *Pernambuco*, a literatura está até bem servida de espaços de divulgação. Quantos veículos desse tipo você tem para falar de cinema, de teatro, de artes plásticas? O mercado de alguns deles pode até ser mais forte, mas não tem tanto lugar de discussão na imprensa”, argumenta. Para eles, os atuais veículos, oficiais ou não, e a internet se completam: “quanto mais vozes, melhor”.

FICÇÃO

Maria da Paz Ribeiro Dantas

KARINA FREITAS



O solo e o subsolo da alma

CAPÍTULO 1

Ei-la contemplando-se através do branco-pluma da flor de algodão. Por trás da cerca, de todas as cercas e secas de sua vida. Do presente e do passado. Nesse espaço de continuidade aparente, ela transita. Solo e subsolo da alma.

Não se lembra de ter tido companheiros de brinquedo até a idade de quatro anos. Era só. A estrada, fronteira à casa rodeada de alpendres, de onde se avistavam ao longe as duas árvores baraúnas. Os caminhões que aos sábados passavam, levando e trazendo de volta os frequentadores da feira, onde se realizavam todas as transações, ao mesmo tempo sociais e econômicas do lugar. A caatinga com seus facheiros de frutos vermelhos, umbuzeiros, pereiros, umburanas, mulunguzeiros que cobriam o chão de sementes cor de sangue. Os campos de agave. As cercas de arame farpado e avelós. Os açudes, que nas tréguas da seca traziam a visão do mar para aquelas paragens ressequidas. Os grandes lajedos, passeados na seca pelo ardor do sol e no inverno pelo coaxar festivo dos sapos, misturado ao cheiro do mato de muitos aromas. O vasto céu. Tudo isso a circundava, fazendo-a respirar a amplidão de um mundo, hoje sedimentado em sua vida como estratos geológicos. Nunca viu seus pais se amarem.

Não se lembra de ter presenciado cenas expressivas de felicidade entre os dois.

A vida sempre foi, ao menos no que consegue lembrar, o cumprimento de um dever: o de manter, de cuidar, de educar. E tudo isso era feito com muito cuidado e senso de responsabilidade para que não se deixasse faltar o que era julgado essencial.

Sua vida e a de seus irmãos era subnutrida

de carinho alegre, de expressões palpáveis de afeto. Assim cresceram áridos e introspectivos. Secos como o sertão e por isso mesmo sedentos do poço adivinhado no íntimo de cada próximo.

De tal secura interior e exterior erguia-se o surdo clamor do seu coração tateando no escuro a voz do outro.

Que rosto iluminado a orienta em direção aos corredores do dia?

CAPÍTULO 2

Contempla na foto a imagem do que chegou a ser como epifania do corpo. Na inocência do que a vida lhe traria dois anos depois, a menina colhe nas mãos a flor do algodão. Brinca com a semente dos fios metafóricos entrelaçados na malha de seu destino.

Alguém, através dos olhos infantis de animalzinho aninhado no aconchego inconsciente do aqui e do agora, vê, nos pés firmes e ágeis, o sobrevir da imobilidade. O lugar que ela pisa é o semiárido, onde a chuva tarda no deserto da espera, inquietando a secura dos habitantes.

O abalo viria pela chuva, tão intensa quanto o desejo de contato com a água, sempre ausente da natureza ávida e martirizada pela eternidade da estiagem.

Passaram-se meses, e vencendo obstáculos de arco-íris e ventos, um dia veio o temporal e batizou a menina, surpreendendo-a no aberto daquele espaço que era o seu. Então cavou buracos na terra molhada, fez lagoas, sandálias de massapê. De pé sob a chuva, ela absorvia o prazer e não sabia ser aquele um dos momentos que sobreviveriam ao esquecimento.

A chuva deixou-lhe nos pés a memória da água em seu abraço com a terra sedenta. Essa memória onde rostos, lugares, coisas, flutuam

sem passado nem presente. Olhando os céus de hoje, percebe, não o sombrio, e sim a claridade que parece esconder, sob o ar recém-lavado, um rumor longínquo de trovoadas.

Secreto indício de um fulgor que as precedeu?

CAPÍTULO 15

Águas de sua infância. O tempo lavado pela chuva. A terra liberando odores secretos: imagens acompanhadas de um prazer aflorável em certos momentos.

No fundo, a infância, os seres atormentados pela aridez do ar. Do mato. Dos homens e mulheres que não desejavam outra coisa senão ressurgir com a alegria cósmica das chuvas que faziam o mundo renascer para a vida.

Inverno. Visitante longamente esperado. Viajante inalcançável em sua imprevisibilidade. Cheio de promessas malogradas. De provocados sonhos de colheitas minguadas no nascedouro. Chuva cheia de rumores e sons distantes e próximos de trovoadas, trespassando de clarões o céu que de repente se cobria de uma penumbra estranhamente aconchegante. A menina vibrava com o cheiro que subia da terra, antecipando na imaginação a chegada do mato verde. De todos os nascimentos possíveis.

Vem da adolescência a imagem dos pimentões verdes e dos tomates vermelhos que ela bordava em ponto-de-cruz no pano de algodãozinho.

Em uma daquelas manhãs beirando a tarde, enquanto ela bordava as hortaliças, a chuva se fez anunciar e invadiu-lhe a memória com seus sons e cheiros agora definitivamente associada ao verde dos pimentões e ao vermelho dos tomates bordados na adolescência.

SOBRE A AUTORA

Publicamos com exclusividade três capítulos do romance inédito de Maria da Paz Ribeiro Dantas, falecida no dia 1º de setembro.

História, arquitetura, memórias e literatura em livros de qualidade



Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL
Paulo Cavalcanti
(edição em inglês e português)

Eça de Queiroz - agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

R\$ 30,00



O GIRASSOL
Paulo Cavalcanti

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mais penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas".

R\$ 40,00



ESTÃO TODOS DORMINDO
Edson Nery da Fonseca

Estão todos dormindo é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, na qual Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas, citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e envolvente, que transforma o leitor em cúmplice do que narra.

R\$ 30,00



DE RUAS E INTI-NERÁRIOS
Alexandre Furtado

Alexandre Furtado revela que, apesar de jovem, cultiva grande nostalgia de um Recife que não chegou a conhecer, como aquele da época dos bondes e trilhos, ou cujas referências de arquitetura e lugares que conheceu na adolescência já se perderam.

R\$ 40,00



NAS SOLIDÕES VASTAS E ASSUSTADORAS
Kalina Vanderlei

A historiadora Kalina Vanderlei descreve como surgiu o Sertão, enquanto espaço sociocultural, enfatizando os personagens que participaram dessa conquista, pessoas pobres e criminosos recrutados pela Coroa portuguesa para combater os indígenas que habitavam a região.

R\$ 30,00



UM DIPLOMATA E POLÍTICO DO IMPÉRIO
Fernando da Cruz Gouvêa

Fernando da Cruz Gouvêa apresenta o conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da província de Pernambuco, que participou de episódios relevantes do Império, defendendo a liberdade de imprensa, os direitos dos cidadãos e o combate ao tráfico negreiro.

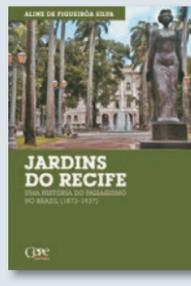
R\$ 30,00



ESCRITORES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XX
Luzilá Gonçalves Ferreira

Apresenta um resumo da vida e obra de escritores fundamentais à formação da memória cultural de Pernambuco, dos mais conhecidos, como Frei Caneca, a outros quase ignorados, como Antonio Torres Bandeira, que escreveu poemas de inspiração religiosa e homenagem a vultos heroicos.

R\$ 30,00 (cada)



JARDINS DO RECIFE
Aline de Figueirôa Silva

A arquiteta Aline de Figueirôa Silva detalha o surgimento do paisagismo no Brasil, a partir de Burle Marx, e aborda os jardins recifenses do ponto de vista paisagístico, da arquitetura e do urbanismo, contextualizando-os política e socialmente.

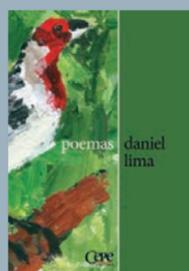
R\$ 35,00



A INTOCÁVEL BELEZA DO FOGO
Geraldino Brasil

Poeta apaixonado pela poesia, humilde, raro e especial, Geraldino Brasil faleceu em 1996, deixando uma vasta produção inédita. Nesta obra, a Cepe Editora o apresenta às novas gerações, publicando 90 poemas, parte dos quais escrita no formato de sextinas.

R\$ 35,00



POEMAS
Padre Daniel

Há meio século, o Padre Daniel produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora, seus amigos venceram sua resistência em publicar o seu trabalho e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

R\$ 45,00



AMARO QUINTAS
Fátima Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de O Historiador da Liberdade.

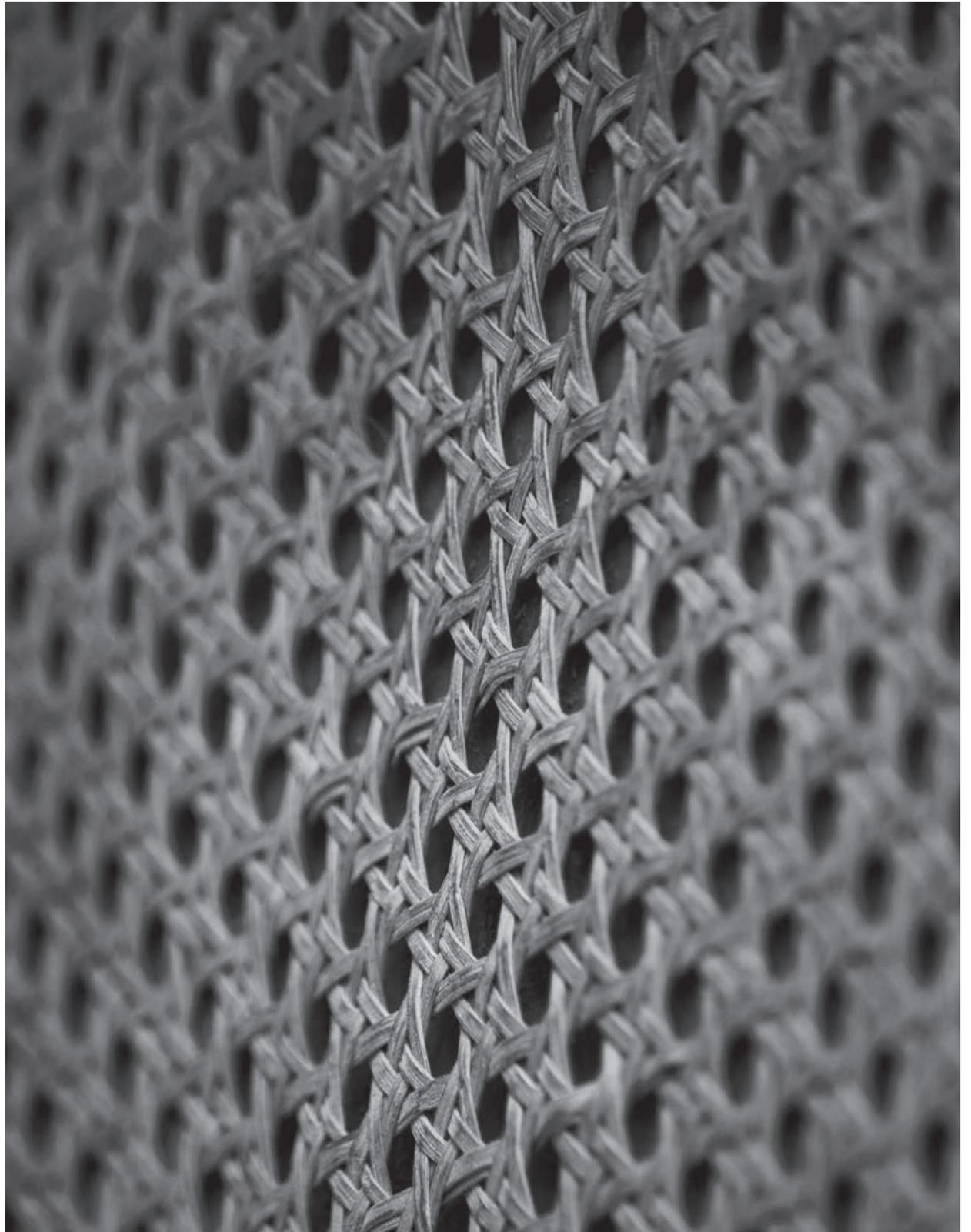
R\$ 36,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

José Luiz Passos



MADAME GÓES

1. O susto de madame Góes, quando entrou e viu doutor Ênio sentado no canapé de palhinha, os olhos fixos na faixa pintada embaixo da janela, Bem-vindos a Belavista, foi, vendo o médico assim, ela pensar imediatamente no pior. Que o mal da mente vaga tinha voltado e agora ele iria fazer o possível para convencer os vizinhos a abrirem as portas aos turistas e a quem mais quisesse visitar, durante a Quaresma, o casario que vai da ribeira até a clínica, justamente no trecho onde doutor Ênio queria encenar a morte do místico Lantânio.

E ele, rijo no sofazinho de baixo, encastelado na saleta, gozando o perdão do domingo, parecia tão distante, madame Góes disse, os olhos parados no vidro alto e a boca aberta, que ela precisou chamar duas ou três vezes, doutor Ênio, ei, doutor Ênio, até que ele finalmente se virou para a porta e deu com ela de pé, as sacolas balançando nas mãos, as compras murchando e degelando nas bolsas de feira, tudo escolhido e comprado como um favor

que ela prestava à equipe da cozinha, que às vezes se atrasa e pede a quem quer que seja o obséquio de descer até o mercado ou a venda e ir apanhar o que falta para fechar o dia recheando as barrigas dos tantos loucos que há neste mundo, que são muitos e de várias qualidades. Ou, pelo menos, é isso que comentam brincando.

Pois madame Góes, que não se importava em descer, e parece mesmo que não se importa, fez o tal favor, que todos aqui somos irmãos unidos na busca de uma vida livre das amarras do corpo físico e psíquico, ela costuma dizer, e a situação pedia corações abertos, então quem havia de ser ela para negar um pulo no comércio e colaborar na tarefa, ainda mais agora que a clínica acaba de crescer. Pois, lembrada desse encargo, porque ninguém mais se dispunha a fazer pelo resto o que ela, sim, faria, inclusive tinha acabado de fazer, madame Góes repetiu de novo, ei, doutor Ênio, ela disse, mais alto, enquanto continuava de pé, imóvel com as compras na soleira da porta. Chamou quase lhe gritando os

nomes todos. Ouviu a própria voz por trás do volume do rádio, no instante em que a transmissão da partida deu uma pausa e dois silvos longos calaram o locutor diante das multidões, e dali o seu chamado soou nu, vacilante, ela admirada com aquilo, o susto que o calibre da voz tinha lhe dado. Como se o nome do médico trouxesse de volta a consciência de um tempo em que ela dava e também levava berros. Mas isso há anos. Um tempo que já deveria estar morto e enterrado. E no eco dessa pausa, madame Góes disse, ela quase pôde ver doutor Ênio se voltando como uma mãe furiosa para lhe responder ao berro, ou então o seu finado marido falando ainda mais alto, não grite comigo, sua vagabunda, está me ouvindo? Mas o médico continuava calado, a boca entreaberta, ele dormitando com os olhos entupidos pela modorra da tardinha.

2. Semanas atrás tinham lhe dito, a ela e também a outros ali presentes, que a última ação movida contra Belavista, a

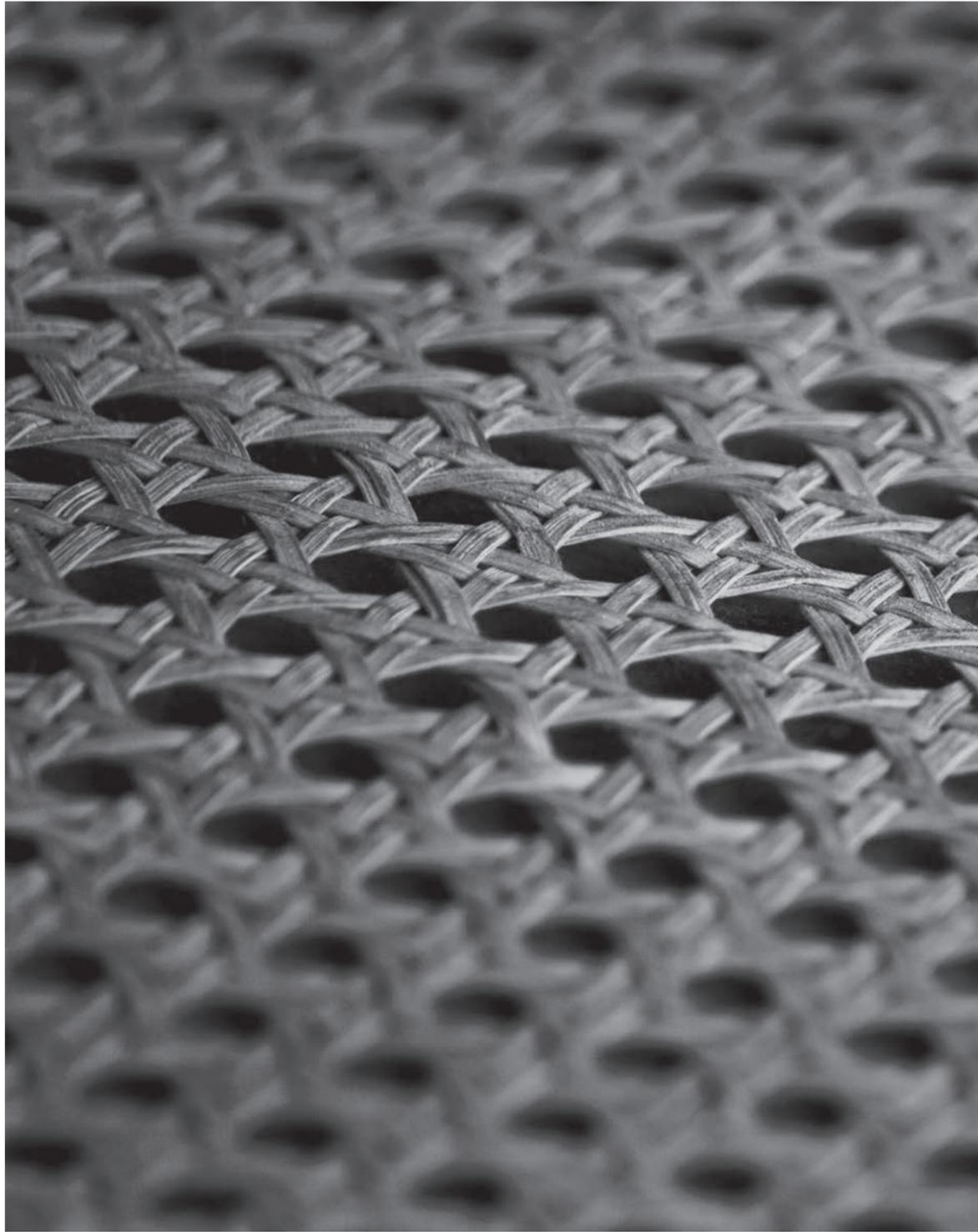
SOBRE O AUTOR

José Luiz Passos

é autor de *Nosso grão mais fino*. Este é um trecho do romance *O sonâmbulo amador*, que ele lança no próximo ano pela Alfaguara.

INÉDITOS

José Luiz Passos



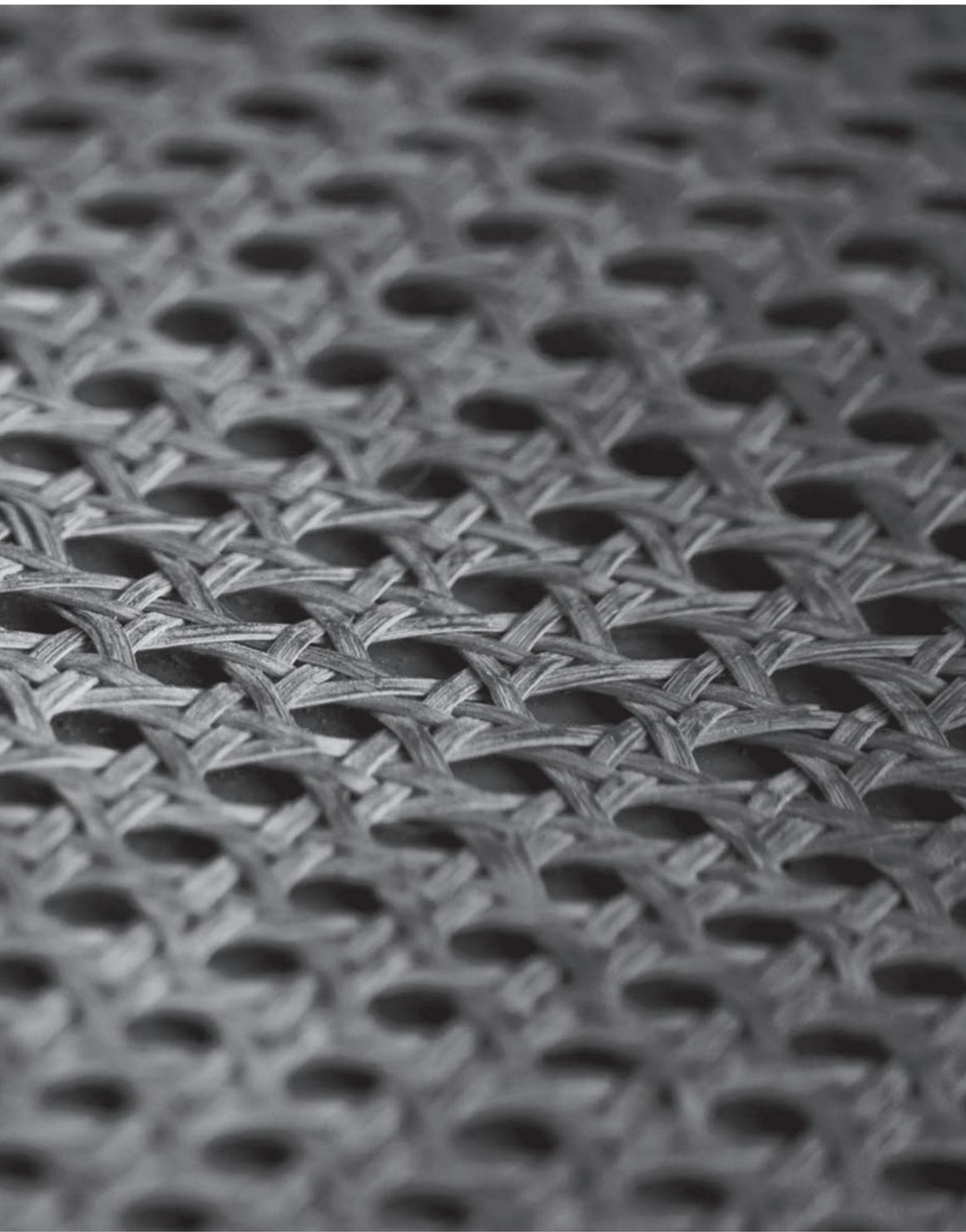
mais longa de todas, iria sair caro. Vai nos custar os olhos da cara, Jurandir. Você nem imagina, ela disse.

Então, os planos que doutor Ênio tinha feito para tirar o forro do teto alto e refazer a fachada original, sem os leques de palma e as conchas brancas com espirais, sem a Diana no beiral e os adereços que escondiam, era o que o próprio doutor Ênio dizia, a moldura da janela colonial, em pedra calcária, enfim, a tal reforma que daria cabo deste bolo confeitado, agora seria uma extravagância. Era, aliás, uma impossibilidade já confirmada em cartório. Na semana da sentença, doutor Ênio vendeu a kombi a fim de pagar as custas do processo. E a Sociedade Espírita, o litigante maior, só não alcançou vitória completa porque um juiz conhecido trocou parte da indenização por serviços à comunidade, fazendo Belavista voltar à prestação de benefícios públicos, mas em regime de ofício sem férias. A clínica vai servir às associações de bairro, grupos escolares e sedes comunitárias na parte alta da cidade. Belavista, navio de doidos. Esta era que tinha sido a pichação em tinta verde, no muro dos fundos, deixada ali meses antes e recentemente invocada pelo defensor dos espíritos. A casa agora se rebaixava para servir aos irmãos das almas.

Madame Góes disse que doutor Ênio ouviu o remate do foro sorrindo largamente. Foi o que garantiram a ela os poucos que viram o médico no dia em que o oficial de justiça veio com a carta. Um grande psiquiatra melando com mãos de manteiga e pão assado a sentença da vara. Aquele enorme desdém dele e, apesar disso, sua obediência a uma lei comprovadamente parcial. A interpretação dessa lei havia resultado num erro crasso. Ou não? Era o que ela queria comentar, e discretamente tinha lhe perguntado a opinião, mas doutor Ênio se virou sem resposta. Já chegou? Eu trouxe o que me pediram da cozinha, ela disse que respondeu. Vá, venha, entre, ele falou.

Então madame Góes entrou com as compras balançando nas mãos. Olhou em redor. O futebol no rádio já tinha voltado àquele ruído livre demais. E quem era que iria imaginar doutor Ênio fazendo questão das partidas da Rádio Clube? Raramente alguém o via assim, sem suas papeletas e os prontuários à mão, sem estar falando aos pacientes e enfermeiros, aos curiosos que apareciam em Belavista e ficavam sondando os costumes da clínica, o dia a dia regido por ele como um maestro rege a sua orquestra, como uma corda espiralada faz o relógio mover os ponteiros e marcar frações bem divididas. Quem nos dera ser como esse homem, o grande mentor que fez da clínica uma boia para aqueles espíritos carentes de um equilíbrio mais fino e que, uma vez admitidos aqui, hão de reatar o senso perfeito das suas faculdades, a consciência de estar no mundo e de ser este mundo, ele próprio, a extensão de outros com os quais há de se debater e, no fim, aceitar.

E, bem a propósito disso, há mais cem anos uma das funções da primeira casa episcopal, esta casa, vejam bem, a nossa casa, doutor Ênio tinha falado, que ele próprio foi o único a defender, era justamente a de dar abrigo ao guarda-livros da municipalidade. Isso após ter sido, ele insistiu, casa episcopal. A antiga Belavista. Não era irônico que agora o sobrado voltasse a prestar auxílio à saúde mental da população em redor? Ah, era. E quem agora entrasse carregada de compras, como madame Góes vinha, com algo a oferecer ou trazendo suas dúvidas, e com isto também tendo o que vir buscar aqui, então que ela receba um cuidado rigoroso, conforme os padrões mais modernos. Mesmo assim, ela pensava, ela depois tinha dito, mesmo considerando o lado positivo do litígio, que foi dotar Belavista novamente de uma missão coletiva, aquela outra metade do montante da ação, a que era devida aos kardecistas por conta



da parede que tiveram escavada, tal parte deveria ser paga em dinheiro. Este é que foi o castigo maior, porque com isso nos cortaram as asas. Uma vez quitada a quantia, que nem era tanta, ela ia ser convertida pelo juiz num fundo de proteção das fachadas. A soma vai cobrir a lavagem dos muros após a pichação que vem com a balbúrdia do carnaval.

Resulta que doutor Ênio foi tolhido e se amofinou sem condições de devolver ao edifício sua feição antiga e abrir no pátio de trás um vão com toldo maior, para o trabalho artístico, que todos queriam tanto. E o pior, não havia mais a kombi para as excursões em grupo nem para se ir às compras. Fomos todos aqui o objeto de um conluio entre vizinhos, madame Góes repetia aos que vinham chegando daqui e dali, pouco a pouco, aos montes. Contava tudo às novíssimas almas-grátis, os que ora traziam consigo uma pecha de origem e eram, em sua maioria, de fora, de muito além da cidade baixa. Chegavam do interior para ganhar essa marca, um selo inventado pelo Ramires, por pertencerem à nova cota imposta pelo juiz amigo.

3.

E eram pequenos bandos de dois ou três ou quatro vindos de Gravatá, de Brejo da Madre de Deus, de Casuarinas, de tantas outras cidadezinhas de que aqui nunca se ouviu falar, ou de que só tinham tido notícia como sendo lugares atrasados, hoje vilas de veraneio, antigos polos de produção de grãos, de cana, de comércio têxtil. E as tais almas-grátis vinham aos poucos chegando acompanhadas de um agente de saúde ou de um policial à paisana, sem mala nem papeleta ou qualquer outra coisa que pudesse dar conta do caso do recém-admitido. Então, quem ia saber qual era o seu mal?

Madame Góes contou que, a princípio, doutor Ênio colocava todos nos quartos de baixo e ia vi-

sitando os grupos no curso das semanas em que a clínica precisou interromper a rotina das entrevistas diárias, com cada qual separadamente, os pagantes nos seus próprios quartos ou no escritório dele. A rotina completamente mudada. E logo a de quem? A de doutor Ênio, que com a paciência perdida acabou delegando aos enfermeiros a triagem das almas-grátis, encaminhando os novatos a leitos duplos ou triplos, fornidos com beliches, de acordo com o tratamento que se imaginava necessário a cada grupo. Essa ajuda que vamos prestar a todos eles será uma prova, doutor Ênio disse aos mais antigos, na ceia, madame Góes lembrou, será parte da sua própria reabilitação, a de cada um de vocês agora depende disso. Assim foi que o imprevisto ficava sendo motor de um salto qualitativo. Era mesmo a promessa deste salto. Um esforço da imaginação individual em prol da melhora coletiva. Um por todos e vamos adiante, ela repetiu, sentada à mesa, e espalhou os braços num gesto grande.

Essa bela máxima, cunhada por alguém daqui, dos mais velhos, na ceia em que doutor Ênio convocou a todos, galvanizou os espíritos, fez com que madame Góes lembrasse das histórias que tinha ouvido de seu falecido. A crônica de uma Europa destroncada pela guerra e as pessoas precisando contar umas com as outras. Os filmes que ela já tinha visto sobre gente dividindo porções e sótãos com os ratos, alguém deixando um pão embrulhado numa toalhinha dentro de uma loja tapada por um tijolo frouxo, o único pão do dia, que salvava o inocente da morte certa. Madame Góes de vez em quando lembrava isso, de ser pior na guerra, quando se morre e a ninguém cabe o abrigo de uma sepultura própria, porque em matéria de sofrimento tudo era uma questão de memória e sempre, sempre e principalmente, da pura e simples comparação.

Pois, lenta e com isso na cabeça, naquela tarde madame Góes devolveu o troco das compras a doutor Ênio e foi em direção à cozinha. Ele não lhe respondeu a pergunta sobre a injustiça da sentença de alguns meses atrás. Não comentava opiniões. Era domingo e ele não estava ali para conversar. Queria só acompanhar a partida, ficar quieto, e era justo. O futebol não era importante, o importante era doutor Ênio descansar e se esquecer do fato, deixar de pensar no foro e se concentrar nas tarefas com as novas almas-grátis, no que fazer delas. Então madame Góes voltou da cozinha com as mãos lavadas, as sacolas de feira dobradas dentro do cesto de palha, embaixo da pia, e começou a subir as escadas até os quartos do primeiro andar. Ia subindo, vinha pisando nos pranchões de madeira, adiante com uma mão pegada ao corrimão e pensando, primeiro, nas bombas caindo sobre populações inteiras durante a última grande guerra, nos muitos que, em consequência disso, eram forçados a se mudarem para abrigos, igrejas e prédios públicos, convivendo com estranhos, trazendo da vida de antes uma única malinha de roupas e às vezes nem isso, trazendo é nada. Só mesmo a roupa do corpo.

E também pensando, ela disse, no que seria feito das reuniões coletivas, da comissão que já tinha sido organizada para a semana de arte em Belavista, logo após o carnaval. A tal peça que doutor Ênio queria montar na calçada da clínica. Agora o que era que ele iria fazer com tanta gente? A maioria não estava preparada para entender aquilo, a morte de Lantânio. Expressar essa angústia na frente dos colegas, dos novatos e dos enfermeiros, gente estranha, era muito difícil. Era difícilíssimo. Iam saber fazer isso? As almas-grátis obviamente não tinham a menor condição.

4.

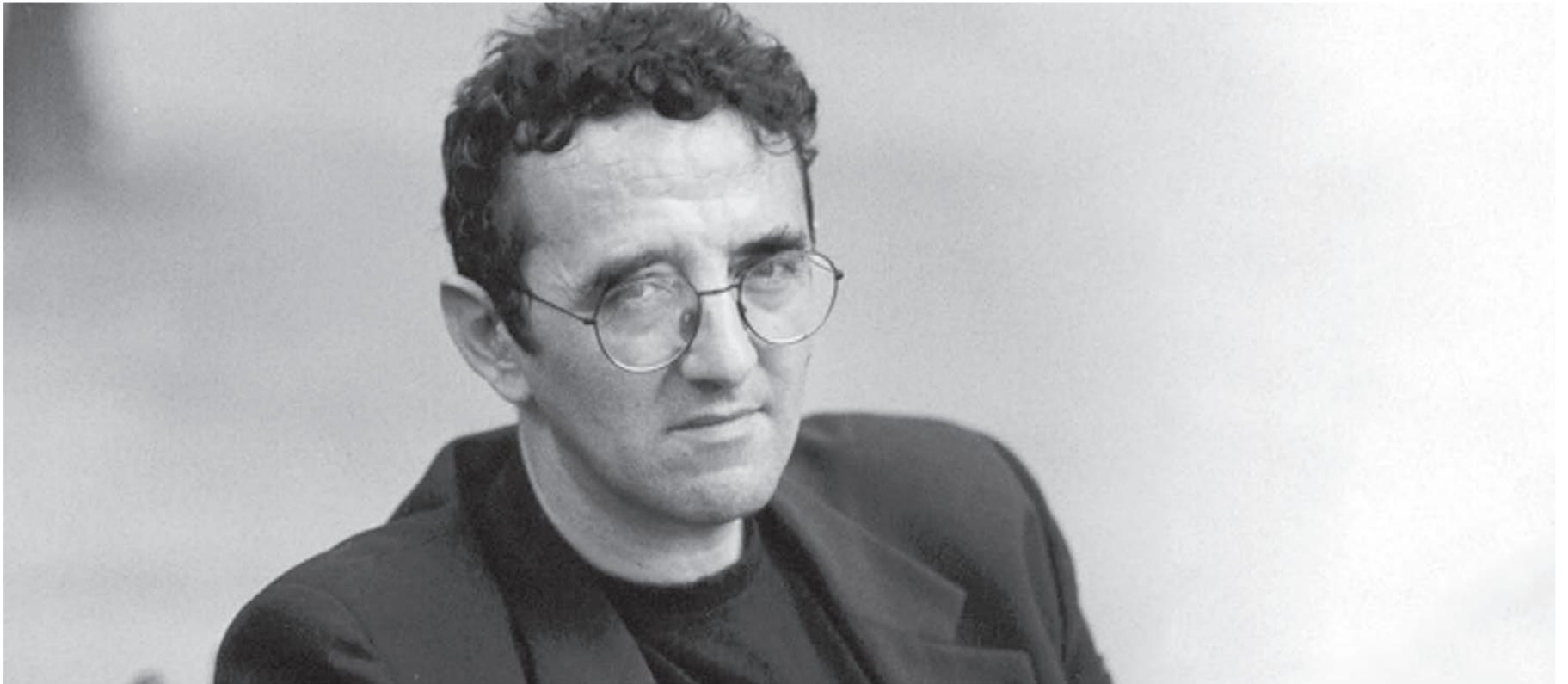
Assolada pelo fracasso de uma ideia que já havia agradado a tanta gente, madame Góes enfiou pelo corredor do primeiro andar vendo os quartos dos mais antigos, pensando no que era que eles faziam àquela hora, que ela só conseguia ouvir um ruído de rádio transmitindo canções de salão, pedras de dominó de vez em quando batendo no tampo de uma mesa de canto, aqui e acolá o ronco dos mais lentos zunindo junto com os ventiladores de teto. E o que mais podia se esperar de uma hora dessas? Descansar era uma bênção. Domingo é para isso. Que tirassem bom proveito, enquanto ela vinha sozinha com os olhos na última porta à direita, naquele quartinho que só recentemente havia sido ocupado, e lá vinha madame Góes com os pranchões rangendo embaixo das sapatilhas de brim.

Podia até ser que alguém abrisse uma porta para vir lhe dizer qualquer coisa, ouvindo esse cicio de velha. Saber por que tanto movimento logo hoje, se era para eles descerem ou não. Daí ela iria perguntar, rindo, sem constrangimento nenhum, por que é que vocês não foram comigo me ajudar nas compras? Não teriam resposta, pois a verdade é que ninguém largava da folga. Ela, sim, largaria porque já estava acostumada. Não fazia mal. Era uma distração útil e, com certeza, já tinha sido notada por doutor Ênio, que deve ter percebido o que madame Góes nunca iria lhe dizer da própria boca. Que podia sempre contar com ela, sempre. Que ela não era como o Ramires, escondido pelos cantos para não dar um passo à frente sem antes parar na cozinha e apanhar um copo de refresco ou um cafezinho. Ele, que só fazia o mínimo e era até pago para isso. Ela não, ela ia adiante com as mãos nos bolsos da saia costurados com linha cobalto quase da mesma cor do tecido. A linha que dava a esses bolsos um contorno mínimo, a forma deles de longe se destacando do bojo do pano, o que antes a incomodava tanto e agora, madame Góes via, de cima a baixo, admirada diante do espelho do quarto, ficou bem. Um desgosto que a falta da linha na cor certa lhe causou de início, e atualmente isso já tinha se transformado num quê a mais, numa escolha notada por gente dali e de fora. Era apenas um estilo com o qual ninguém ainda estava acostumado. Então ela parou diante do quarto do canto e, tirando as mãos dos bolsos, bateu com o punho cerrado.

Bateu mas não fui atender. E madame Góes deve ter remoído mais esta derrota de seu domingo, confirmando, com isso, o quanto ela tinha razão sobre os novatos, meu Deus. Pois Jurandir ainda está dormindo uma hora dessas. Como é que pode?

RESENHAS

REPRODUÇÃO



Alguém sem medo de voltar ao local do crime

Coletânea de entrevistas ajuda a entender as peças que formam o imaginário do mito de Bolaño

Schneider Carpeggiani

Com exceção de *La literatura nazi em América*, o melhor da obra de Roberto Bolaño (1950–2003) já ganhou edição nacional pela Companhia das Letras. Mas há uma outra faceta do escritor chileno que os fãs de *2666* e *Os detetives selvagens* precisam conhecer: o exímio frasista, que fazia de qualquer entrevista um acontecimento à parte.

Numa conversa com jornalistas, ele não poupava frases de efeito e declarações, muitas vezes, contraditórias. Como ainda não foi feita uma biografia sua competente, estas entrevistas acabam sendo a bússola para entendermos o charme da sua figura controversa. O que pode ser problemático.

Bolaño criou não apenas a obra da literatura hispano-americana mais discutida nesse começo de século. Também criou uma vida pública cercada de incertezas. Ganhou

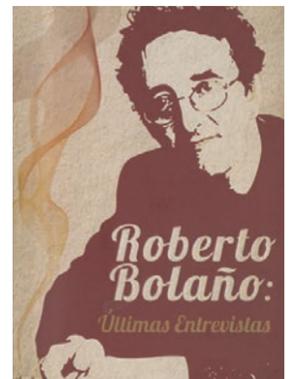
certa aura de herói das letras: o latino-americano exilado que viveu de maneira errante até se estabelecer na Espanha e fazer nome como ficcionista, após sobreviver a um período de pobreza radical. Certos episódios de sua trajetória ocupam a zona indecisa entre lenda e realidade. É o caso da história de que teria sido preso no Chile, em 1973, logo depois do golpe de estado que levou o general Augusto Pinochet ao poder. Amigos de Bolaño, ouvidos em uma reportagem do jornal norte-americano *The New York Times*, acreditam que ele já estava a salvo no México durante o 11 de Setembro chileno. A mesma reportagem traz histórias que falam de um vício em heroína, mas alguns amigos insistem em dizer que ele não era consumidor de drogas. Em quem acreditar? Talvez em ninguém e continuar sem se

importar com o frágil veredito da verdade.

Bolaño, o frasista, pode ser lido em *Roberto Bolaño: Últimas entrevistas*, que ganhou há pouco edição em português pela editora portuguesa Quetzal (ainda sem edição no Brasil). Como o título indica, a obra reúne as derradeiras conversas do escritor com a imprensa, (na) época em que ele já ensaiava a mitificação completa da sua persona, com o sucesso de *Os detetives selvagens*.

No volume, o destaque é a entrevista concedida no mês da sua morte, julho de 2003, para a revista *Playboy*. Aqui, um Bolaño contemplativo discorre e projeta ainda mais sombra sobre sua mitificação, ao falar de seus autores, de eleição, amor e sua relação com o Chile, país cuja memória persegue sua obra, ainda que por subtração. Numa das passagens, faz uma declaração reveladora para os iniciados no tom tenso e cheio de pistas falsas das suas narrativas. A repórter

pergunta o que ele gostaria de ter sido, se não fosse escritor. Sua resposta não soaria deslocada numa das partes labirínticas de *2666*: “Gostaria de ter sido detetive de homicídios, muito mais do que escritor. Disso estou absolutamente certo. Um policial de homicídios. Alguém que pode voltar sozinho, de noite, à cena do crime e não se assustar com fantasmas”.



COLETÂNEA

Últimas entrevistas

Editora - Quetzal

Preço - € 10

Páginas - 122

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

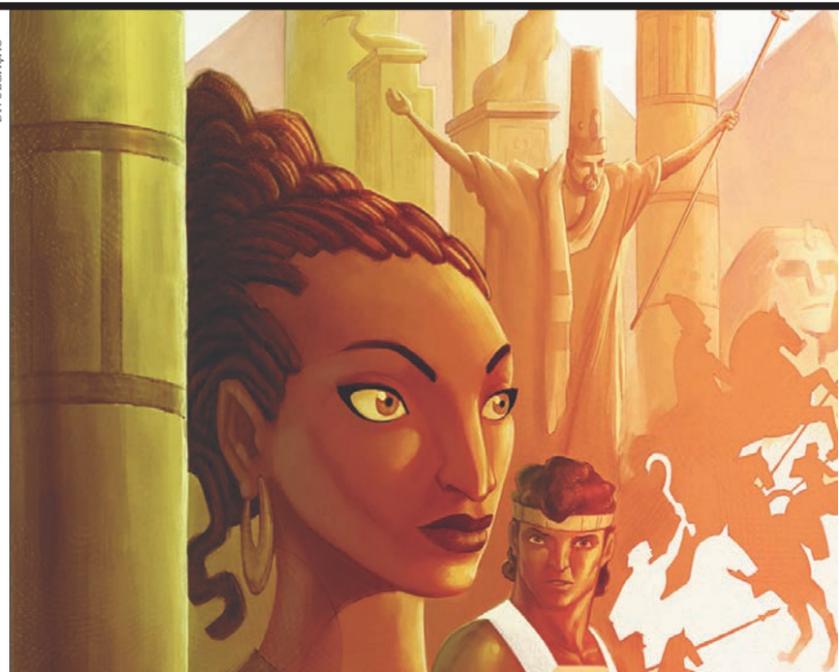
ÓPERA EM HQ

Grandes óperas invadem a linguagem dos quadrinhos para conquistar público jovem

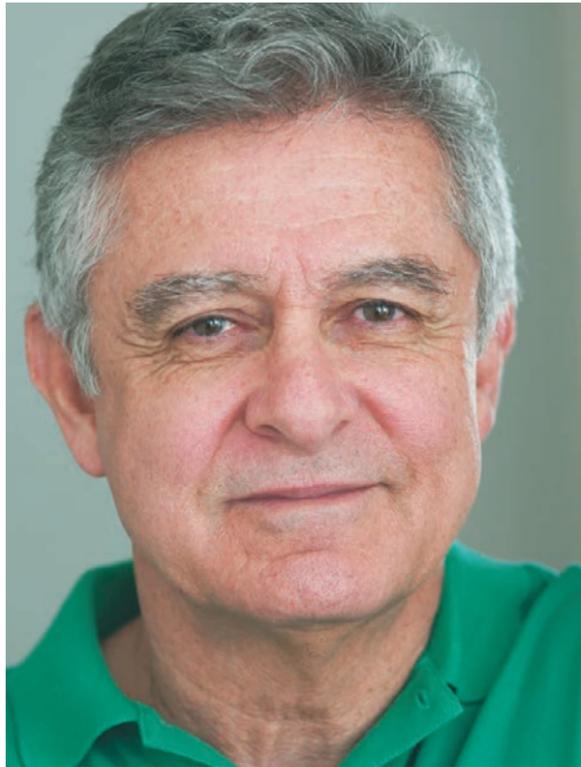
A coleção *Ópera em Quadrinhos*, lançada pela editora Scipione, que adapta grandes óperas para a linguagem das HQ, estreou com *Aída* (imagem ao lado), do compositor italiano Giuseppe Verdi, mas logo estarão nas bancas *A Flauta mágica*, sensacional criação de Mozart, e *O Guarani*, de Carlos Gomes, entre outras. Ótima oportunidade para aproximar o leitor de um gênero artístico a que poucos

têm acesso. A adaptação e o roteiro de *Aída* são de Rosana Rios, autora premiada de literatura infantil, juvenil e fantástica e roteirista de TV e quadrinhos. A arte é assinada por Klayton Luz. A coleção informa sobre as obras (ópera, libreto, autores), nos contextos histórico e artístico. Em www.scipione.com.br/operaemquadrinhos é possível encontrar informações complementares.

DIVULGAÇÃO



PAULO LEITE/DIVULGAÇÃO



Pelo sabor da crônica

A editora Arquipélago Editorial tem conferido uma atenção toda especial aos cronistas brasileiros, ao criar a coleção *Arte da Crônica*. O mais recente volume da série é *Esse inferno vai acabar*, de Humberto Werneck. O jornalista lança mão da sua mineirice para justificar o conteúdo dos seus textos, sempre armados de um humor fino diante do absurdo que é a banalidade do mundo: “Em Minas Gerais não acontece nada, mas o pessoal se lembra de tudo”. E, como bom mineiro, Werneck não se esquece de nada: da tristeza pelo cancelamento (justificado) de uma aguardada festa de aniversário na infância ao espanto diante da inauguração de Brasília. Isso sem falar em personagens curiosos, como a histriônica Dona Alzira,

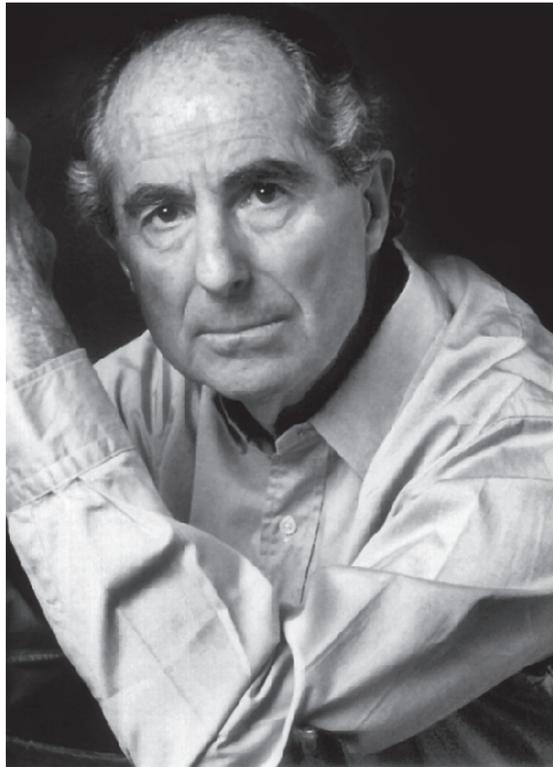
que bolou um escudo de eucatex para se defender de um tarado munido de raio laser; e de Samuel, homem convencido de que o mundo está prestes a acabar. Todas estas histórias são contadas com o tom saboroso de quem sabe que a crônica é um exercício de prazer para o leitor.



CRÔNICAS

Esse inferno vai acabar
Autor - Humberto Werneck
Editora - Arquipélago Editorial
Preço - R\$ 34
Páginas - 192

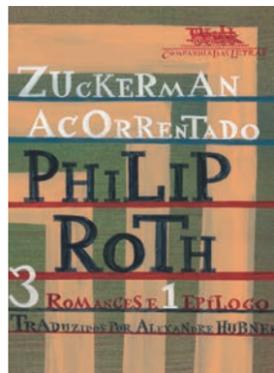
DIVULGAÇÃO



A presença de Roth

Poucos autores são mais profícuos que Philip Roth. A cada ano podemos contar com um novo romance seu, ainda que o grau de qualidade seja cambiante. O mais recente é o angustiante *Nêmesis*, sobre um professor de educação física que vê sua vida ruir, quando seus alunos começam a contrair poliomelite. Ao lado deste, a sua editora no Brasil, Companhia das Letras, lança num só volume a saga completa do escritor Zuckerman, em *Zuckerman acorrentado - 3 romances e 1 epílogo*. São quatro narrativas distintas, porém ligadas por um fio condutor: Nathan Zuckerman, neto de judeus poloneses que emigraram para os Estados Unidos no início do século 20, é um escritor obcecado pelos judeus e por suas histórias. A personagem é um autor de mão-cheia, capaz de conferir

a suas narrativas o brilho e a efervescência da vida. Seu sonho é se tornar um intelectual respeitado, na linha de Thomas Mann, mas no fundo sabe que seu forte são as piadas, e as piadas contra os judeus. Um talento que lhe causará inúmeros problemas ao longo da história.



ARTIGOS

Zuckerman acorrentado - 3 romances e 1 epílogo
Autor - Philip Roth
Editora - Companhia das Letras
Preço - R\$ 49

PRATELEIRA

LUÍS CARLOS PATRAQUIM - ANTOLOGIA POÉTICA

Considerado um dos maiores poetas moçambicanos vivos, Luís Carlos Patraquim inovou a literatura, cinema e jornalismo de sua terra. O livro reúne sua produção de 1980 a 2010, incluindo a primeira obra, *Monção*, que marca o início de uma virada literária em Moçambique, até então marcada pela poesia panfletária. Patraqui passou a aliar a reflexão aos sentidos, construindo poemas que enaltecem a vida e estimulam a falar de amor, desejos e sonhos. Ele também usa a própria poesia como tema.



Autora: Carmen Lucia Tindó
Secco
Editora: Ufmg
Páginas: 187
Preço: R\$ 38

O MENINO QUE COMIA LAGARTOS

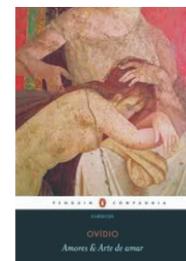
O livro conta a história de Tikorô, que de tão pobre vive nas ruas, não frequenta escola e caça lagartos para se alimentar. Um dia o menino encontra um lagarto branco, aos prantos. Impressionado, pede ajuda ao sacerdote da aldeia, que lhe diz que tal como ocorreu com o povo africano, o animal perdeu as cores ao perder as lembranças. Com auxílio de griôs e tuaregues, Tikorô e o lagarto partem numa longa jornada em busca da cor e das recordações.



Autora: Mercè López
Editora: Pensamento
Páginas: 36
Preço: R\$ 36

AMORES & ARTE DE AMAR

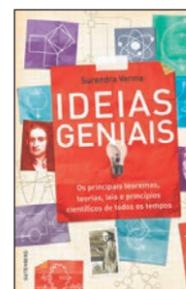
Com tradução do professor português de literatura Carlos Ascenso Sodré, e apresentação e notas do inglês Peter Green, o relançamento deste clássico do poeta latino Ovídio, sobre a arte da sedução, continua atual ao tratar de temas atemporais, como o ideal de beleza masculino e feminino, o ciúme, o perigo da rotina, aborto, posições sexuais, bebida e outros. O livro é uma espécie de manual, em que poemas quase didáticos ensinam as diversas maneiras de conquistar o amor.



Autor: Ovídio
Editora: Penguin-Companhia das Letras
Páginas: 568
Preço: R\$ 34

IDEIAS GENIAIS - OS PRINCIPAIS TEOREMAS, TEORIAS, LEIS E PRINCÍPIOS CIENTÍFICOS DE TODOS OS TEMPOS

Mais de 170 ideias revolucionárias, que constituem os fundamentos da ciência, são apresentadas de forma objetiva, em ordem cronológica. O livro inclui de nomes consagrados a figuras contemporâneas como Rachel Carson e James Lovelock, e esclarece desde o Teorema de Pitágoras, a Estrela de Belém, a Lei da Gravitação, a Escala de Temperatura Celsius, o Zero Absoluto, o Efeito Estufa, a Teoria Quântica, até mesmo a Lei de Murphy.



Autor: Surendra Verma
Editora: Gutenberg
Páginas: 232
Preço: R\$ 34

CEPE NA FLIPORTO

Infanto-juvenil é aposta da editora para a festa das letras

A Cepe Editora prepara-se para o lançamento de sua coleção infanto-juvenil na Fliporto, de 11 a 15 de novembro, em Olinda. Serão nove títulos, ganhadores do I Concurso Nacional Cepe de Literatura Infantil e Juvenil, realizado em 2010, que premiou seis autores e concedeu menção honrosa a outros seis. O novo selo será lançado no espaço dedicado ao público infantil, Fliporto Criança.

CINEMA X LITERATURA

Debate promete ser um dos maiores atrativos da Fliporto

O debate sobre a relação entre o cinema e a literatura promete ser um dos momentos mais atrativos da Fliporto, não só pelo tema, mas pelas pessoas envolvidas. Os cineastas Guel Arraes e Tizuka Yamasaki vão comandar uma mesa de discussões que promete atrair muita gente. De quebra, serão exibidos filmes como *Gaijin* (Tizuka), *Lisbela e o prisioneiro*, *Comédia da vida privada* (Guel), entre outros.

NOSSA LÍNGUA

Cursos online ajudam a falar um português correto

Ninguém mais pode cometer barbarismos linguísticos com a desculpa de que o português é um idioma complicado. Entre outras opções, existe um curso online que corrige os chamados vícios de linguagem e colocam todos os aspectos da nossa gramática ao alcance de qualquer um que queira falar corretamente, fonética, sintaxe, semântica etc. É só acessar www.graudez.com.br.

CRÔNICA

Anco Márcio Tenório Vieira

FLÁVIO PESSOA



O Recife na teia de Manuel Puig

Terça-feira não é exatamente um dia tão modorrento quanto a segunda-feira, mas também não podemos dizer que é um dia luminoso e completamente cheio de promessas como a sexta ou o sábado. Pois foi exatamente em uma sonolenta terça-feira que o escritor argentino Manuel Puig, então residindo no Rio de Janeiro, resolveu dar o ar da sua graça no Recife. Era 19 de outubro de 1982. A derrota da Argentina para a Inglaterra na Guerra das Malvinas, ocorrida em 14 de junho daquele ano, ainda suscitava debates calorosos entre os anti-imperialistas e os que aplaudiam a intervenção da armada inglesa como um meio de levar ao fim a Junta Militar que governava o país vizinho. Mesmo que os jornais falassem que a palestra de Puig versaria sobre a literatura latino-americana, nós sabíamos que o tema Guerra das Malvinas iria predominar e, por extensão, a situação política da sua pátria. O tempo estava mais para a política do que para a literatura. Para quem tinha 17 anos, cursava o segundo ano científico (torturado quanto ao caminho profissional a tomar), sustentava suas despesas com uma modesta mesada e via o mês chegar ao seu término e, com ele, o dinheiro começar a desaparecer da carteira, ver e ouvir Puig era, de longe, a grande opção da noite.

Puig chegava ao Recife sob o signo da sua obra mais conhecida: *O beijo da mulher Aranha*. Publicado em 1976, este romance só fora traduzido para o português em 1980, dentro do boom editorial que tomou conta do Brasil depois da abertura política. Em dois anos atingira a soma de onze edições e virara um verdadeiro best-seller

nacional. A estória de dois homens encarcerados em uma mesma cela – um, por suas atividades subversivas; o outro, sob a acusação de corromper menores do sexo masculino – não só colocava na ordem do dia o passado político recente da América Latina, como sinalizava para o preconceito pequeno-burguês da esquerda latino-americana quando o tema em questão eram as minorias, particularmente o universo homossexual. No caminho do seu sucesso, outros livros de Puig começaram também a ser lançados no Brasil, a exemplo de *Boquitas pintadas* (1969) e *Sangue de amor correspondido* (1982).

Bem, a palestra de Manuel Puig teve início no horário previsto: sete e meia da noite, no auditório da Livraria Síntese. A Síntese, comandada por Suely Pereira e Murilo Alves, era, nos anos 1980, ao lado da Livro 7, de Tarcísio Pereira, um dos redutos da intelectualidade pernambucana (ou dos que almejavam lá chegar). Para meu espanto, o auditório, que era pequeno, não lotara. Devia estar com 80% dos assentos ocupados. Simpático, falando fluentemente português, aparentando ser muito mais jovem do que a idade que tinha (completaria 50 anos em dezembro), Puig em pouco tempo se fez tão familiar que a impressão que tínhamos era que o conhecíamos há muitos anos. Ele falou da condição do escritor latino-americano, da ditadura argentina, dos desaparecidos, da Guerra das Malvinas (acreditava que a guerra, que fora uma manobra dos militares para prorrogar um regime que perdia cada vez mais apoio popular, iria acelerar o fim da ditadura) e, principalmente, discorreu sob

os seus livros, nada obstante a única obra lida pelos presentes (a acreditar pelas perguntas) tinha sido *O beijo da mulher Aranha*.

Das perguntas e das respostas, uma eu nunca esqueci: por que ele escrevera *O beijo da mulher Aranha* e o que o levava a inserir nesta obra as notas de rodapé? Sua resposta foi que o seu objetivo foi tocar em um tema ainda tabu entre as esquerdas: a homossexualidade. Daí ele colocar em uma mesma cela um revolucionário homofóbico – que via nos homossexuais um bando de alienados e, pecado dos pecados, pessoas que encravavam vícios burgueses que deveriam ser extirpados pela nova sociedade que ele tanto almejava – e um gay que superava a sua triste e dura realidade vendo e sonhando com as estórias dos filmes B americanos. Quanto às notas de rodapé, isso remetia ao seu universo da infância. Nascido e crescido em General Villegas, nos pampas argentinos (só aos 13 anos se mudaria para Buenos Aires), ele, sendo homossexual, sofrera com a falta de informação sobre a sua orientação afetiva. Na sua juventude (nascera em 1932) a medicina se dividia sobre o tema. Uns, defendiam que era uma doença mental; outros, deficiência de testosterona. Assim, ao escrever o seu romance ele pensara em um jovem, também nascido e vivendo no interior da Argentina, que se descobre homossexual. Ao ler o seu livro ele teria as informações mais recentes defendidas tanto pela medicina quanto pela psicanálise sobre o tema. Ele desejava que este jovem hipotético sofresse e se angustiasse menos do que ele sofrera e se angustiasse quando se descobriu gay.

Finda a palestra, veio a noite de autógrafos. Miséria das misérias: eu não tinha dinheiro para comprar *O beijo da mulher Aranha*. Na minha carteira tinha somente 10 cruzeiros. O livro custava o dobro. O que fazer? Lembrei-me que a Livro 7 vendia, além de *O beijo da mulher Aranha*, um outro livro de Puig: *Boquitas pintadas*, recém-publicado pela Nova Fronteira. Corri para a livraria de Tarciso e adquiri o único volume ainda disponível na estante. Custou-me 9 cruzeiros e 50 centavos. Retornei à Síntese, entrei na fila de autógrafos, e vi Puig, em um misto de português e espanhol, escrever na folha de rosto do meu exemplar: “Para Anco Márcio, com mui gracias por seu interesse em minha obra, Manuel Puig”. Na verdade, este era o primeiro livro que adquirira dele (só conhecia a sua obra de resenhas e de entrevistas que ele próprio dera aos jornais e revistas). Livro que leria dois meses depois, em Bom Conselho, quando entrei de férias do Colégio Contato. Só em 1984, mais particularmente em 29 de agosto, compraria *O beijo da mulher Aranha*. Seis anos depois, em 22 de julho de 1990, em um modorrento domingo, dia em que completava 25 anos, li, para a minha imensa tristeza, que Puig morrera em Cuernavaca, no México, vítima de uma crise de apendicite. Morte estúpida, como são todas as mortes. Ficaram os seus livros, que revelaram para mim que a literatura argentina não era apenas Jorge Luís Borges e Júlio Cortázar (ou seja, literatura fantástica ou realismo maravilhoso), e a lembrança feliz de uma noite de uma certa terça-feira da minha já distante juventude.

SOBRE O AUTOR

Anco Márcio Tenório Vieira é professor da UFPE e autor de *Adultérios, biombos e demônios*